

**21. PROGRAMA DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL DA POPULAÇÃO ENVOLVIDA NA OBRA DE DRAGAGEM..... 1**

21.1. INTRODUÇÃO E OBJETIVO .....	1
21.2. METODOLOGIA.....	2
21.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	6
21.3.1 Atividades desenvolvidas no 1º Semestre: Fevereiro a Junho de 2010 .....	6
21.3.2 Atividades desenvolvidas no 2º Semestre: Julho a Novembro de 2010 .....	7
21.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
21.5. CRONOGRAMA .....	95
21.6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	96
21.7. EQUIPE TÉCNICA.....	97
21.8. ANEXOS .....	97

## **21. Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem**

### **21.1. Introdução e Objetivo**

O presente relatório compreende as atividades desenvolvidas no período de julho a novembro de 2010.

O Programa está norteado por dois grandes objetivos gerais: identificar potencialidades de desenvolvimento local nas comunidades situadas nas proximidades do estuário de Santos e contribuir para a compreensão da obra de dragagem de aprofundamento e seus programas ambientais.

Para identificar as potencialidades de desenvolvimento local foi proposta a elaboração de Diagnóstico Socioambiental Participativo de modo que a leitura destas potencialidades considere o olhar das próprias comunidades. O diagnóstico é construído a partir de pesquisas em campo e em fontes secundárias, sendo estruturado em quatro fases, fazendo uso de metodologias participativas.

Estas pesquisas em campo também se constituem em oportunidade para atender o outro objetivo geral, que é o de contribuir para a compreensão da Obra de Dragagem de Aprofundamento, junto a esse público das comunidades. Entretanto, o Plano Básico Ambiental do Programa prevê que o atendimento desse objetivo alcance um público alvo ampliado para além destas comunidades. Visando o alcance desse público difuso, o programa fez a opção metodológica de trabalhar com a ferramenta de Visitas Monitoradas Temáticas sobre a obra, contextualizadas com a história do Porto de Santos. Para a concretização desta ação foi elaborada uma exposição interativa para ser abrigada em instituição de cultura, lazer e educação com alcance de público diversificado e com grupos controle especificamente convidados para assegurar diversidade de faixa etária, níveis de formação acadêmica e função social.

Todas as ações do programa são permeadas por diálogos integradores que buscam a sua viabilização, o monitoramento destas e a correção de rumos

quando avaliada a necessidade. Nesse sentido, duas mudanças estruturais ocorreram desde o início do Programa.

A primeira diz respeito à mudança no local das visitas monitoradas, inicialmente previstas para acontecer no museu de Pesca e Aquário Municipal de Santos, sendo posteriormente transferidas para o Complexo Cultural do Porto e Aquário do Guarujá, respectivamente.

A outra alteração diz respeito à inclusão da comunidade da Praia do Góes no público alvo, em substituição à comunidade de Ponta da Praia. Esta substituição foi proposta pela Codesp com base nos resultados obtidos pelo Programa de Monitoramento Praial ao longo dos cinco primeiros meses de estudo.

Os objetivos específicos do programa são:

- Estabelecer diálogos integradores com as diferentes parcerias;
- Identificar lideranças e equipamentos públicos nas comunidades alvo;
- Levantar e selecionar dados socioeconômicos, ambientais e culturais das comunidades alvo;
- Realizar pesquisa em campo para coleta de informações por meio entrevistas semi-estruturadas e observação direta;
- Realizar oficinas nas comunidades alvo;
- Realizar Visitas Monitoradas sobre a Obra de Dragagem de Aprofundamento.

## **21.2. Metodologia**

### **21.2.1. Público Alvo**

As oito comunidades alvo deste Programa foram selecionadas levando em consideração critérios como: a proximidade em relação à obra, os possíveis impactos na vida destas comunidades e o grau de vulnerabilidade sócio ambiental em que se encontram. Tomou-se como base as comunidades apontadas nos Termos de Referência 134, 151, e 194/2009-COTRA/CGTMO/DILIC/IBAMA.

As comunidades alvo deste programa são: Monte Cabrão e Ilha Diana, na Área Continental de Santos e Rio do Meio, Praia do Góes, Santa Cruz dos Navegantes, Conceiçãozinha, Perequê e Sítio Cachoeira, em Guarujá. A localização destas comunidades está apresentada na Figura 21.2.1-1.

Por orientação da Codesp, no mês de julho de 2010 a Praia do Góes foi inserida como público alvo em substituição à Ponta da Praia. Esta decisão baseou-se nos resultados do Programa de Monitoramento Praial que apontou a necessidade de um trabalho educativo junto a esta comunidade.

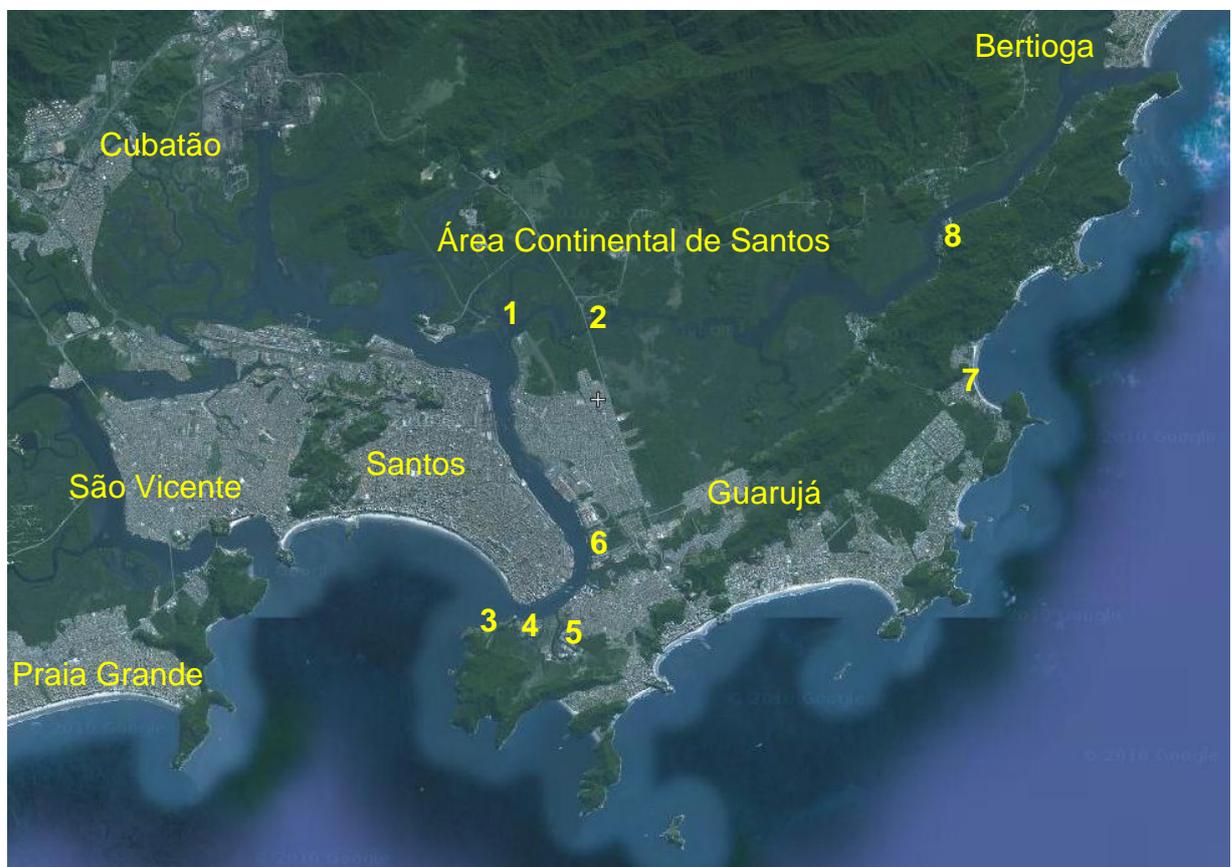


Figura 21.2.1-1. Foto aérea da região do empreendimento com a localização das comunidades alvo do Programa 21: (1) Ilha Diana, (2) Monte Cabrão, (3) Praia do Góes, (4) Santa Cruz dos Navegantes, (5) Rio do Meio, (6) Conceiçãozinha, (7) Perequê e (8) Sítio Cachoeira. Fonte: Google.

### **21.2.2. Identificação das lideranças nas comunidades alvo**

São realizadas visitas, em cada uma das comunidades alvo, para identificar e estabelecer contato com as lideranças locais, associações de moradores, Igrejas e outros equipamentos sociais.

### **21.2.3. Diagnóstico Socioambiental Participativo**

Para construção do diagnóstico das comunidades alvo são adotadas ferramentas participativas. Estas ferramentas contribuem não apenas para a obtenção do envolvimento da população local, aumentando sua participação e capacidade de atuar em comunidade, como também propiciam o reconhecimento do saber popular na compreensão de seus problemas e soluções.

No presente trabalho são adotadas ferramentas de metodologias participativas, na forma do Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP) conforme proposto por Brose (2005) e Santos & Figueira (2004). A metodologia DRUP permite conhecer a realidade das comunidades alvo e ainda aprender sobre seus problemas e potencialidades pelo olhar das próprias.

A produção de um Diagnóstico Socioambiental Participativo inclui diferentes ações que estão agrupadas em quatro fases distintas com a utilização de diferentes ferramentas pré determinadas. O detalhamento das diferentes fases e ferramentas utilizadas para esta ação é apresentado no primeiro Relatório Consolidado (Fundespa, 2010) e está rerepresentado no Anexo 21.8-1.

### **21.2.4. Diálogos integradores**

Esta atividade é realizada por meio de várias ações, descritas a seguir. Uma delas é reunião com os Gestores (Codesp e Fundespa), para possíveis adequações na execução do Plano de Trabalho do presente Programa. Outra ação envolve o agendamento e a realização de visitas institucionais, visando viabilizar parcerias. São encaminhadas negociações visando aproximação com dirigentes de escolas públicas de Santos e Guarujá, instituições como o Acqua

Mundo (Aquário do Guarujá), Cetesb e Ibama e, ainda, com ONGs ambientalistas de atuação local.

Por fim, está previsto o estreitamento da comunicação com as equipes responsáveis pelos outros programas de monitoramento da obra, com especial destaque para o Programa 22 - Conscientização da comunidade pesqueira e náutica sobre o manejo adequado de óleos lubrificantes e combustíveis usados nas embarcações – Programa Manchas Órfãs, o Programa 19 - Comunicação Social e o Programa 20 - Apoio à Comunidade Pesqueira, visando à otimização das ações realizadas nas comunidades.

#### **21.2.5. Encontro geral entre todas as comunidades envolvidas**

Realização de evento que propiciará a integração e troca de experiências entre as lideranças das diferentes comunidades envolvidas. Este encontro terá também como finalidade socializar os resultados dos trabalhos realizados em cada comunidade. Será oferecido um lanche de confraternização para os grupos de lideranças presentes, com recurso já previsto no cronograma físico-financeiro. Este encontro será agendado após o 15º mês de início da obra de dragagem de aprofundamento do canal de navegação, quando os diagnósticos das comunidades alvo estarão em fase de conclusão.

#### **21.2.6. Visitas Monitoradas Temáticas ao Museu do Porto de Santos e Acqua Mundo (Aquário de Guarujá)**

Para o desenvolvimento desta atividade estão previstas as seguintes ações:

- Construção de parceria com Complexo Cultural do Museu do Porto e Acqua Mundo (Aquário de Guarujá) para o desenvolvimento de uma ação pedagógica dirigida às escolas públicas, privadas e outros segmentos sociais;
- Preparação de roteiro para as Visitas Monitoradas Temáticas ao Museu do Porto e Acqua Mundo (Aquário de Guarujá), abordando

aspectos históricos do Porto de Santos e da Obra de Dragagem de Aprofundamento e seus Programas Ambientais;

- Elaboração de material específico com as informações sobre a Obra de Dragagem de Aprofundamento do Porto de Santos. Este material, somado aos recursos do acervo do museu, constituirá o roteiro das visitas temáticas;
- Preparação da equipe de monitores;
- Preparação e implementação da estratégia para divulgação, critérios de priorização dos grupos contemplados e o agendamento para estas visitas monitoradas;
- Realização das Visitas Monitoradas, no período entre o 12º e o 17º mês após o início da obra de dragagem de aprofundamento, sendo 30 delas no Museu do Porto e 15 no Acqua Mundo (Aquário de Guarujá), totalizando 45 visitas.

### **21.3. Resultados e discussão**

#### **21.3.1 Atividades desenvolvidas no 1º Semestre: Fevereiro a Junho de 2010**

No período compreendido pelo primeiro semestre, foram identificadas 31 lideranças nas oito comunidades alvo do Programa 21.

No que se refere à construção do Diagnóstico Socioambiental Participativo, foram realizadas as atividades pertinentes à fase 1, em 5 das 8 comunidades alvo (Monte Cabrão, Ilha Diana, Santa Cruz dos Navegantes, Rio do Meio e Conceiçãozinha), com o levantamento de dados secundários e a realização de atividades de campo. Foi iniciada a fase 2 do Diagnóstico Socioambiental Participativo, com a análise e sistematização das informações documentadas e foram definidas as ferramentas a serem utilizadas na fase 3 do diagnóstico.

Em relação às Visitas Monitoradas Temáticas, foi feito ao longo do primeiro semestre o desenvolvimento e a confecção das peças que compõe a exposição

temática “*Dragagem de Aprofundamento de um Porto Sustentável*”, e a elaboração do roteiro para as visitas. Ainda neste período, foi realizada uma mudança estrutural neste item do plano de trabalho, deliberando que a exposição temática sobre a obra de dragagem de aprofundamento e as visitas monitoradas serão realizadas no Museu do Porto e no Acqua Mundo (Aquário de Guarujá), e não mais no Museu de Pesca e Aquário de Santos, como estava previsto inicialmente.

Com relação aos Diálogos Integradores, ocorreram reuniões mensais com gestores na Codesp, para integração com os demais programas do Plano Básico Ambiental, o que propiciou o acompanhamento e apropriação dos resultados dos programas. Foram realizadas reuniões semanais de planejamento e integração entre este programa e os Programas de comunicação social e conscientização da comunidade pesqueira e náutica sobre o manejo adequado de óleos lubrificantes e combustíveis usados nas embarcações – Projeto Manchas Órfãs (Programas 19 e 22, respectivamente).

### **21.3.2 Atividades desenvolvidas no 2º Semestre: Julho a Novembro de 2010**

#### **21.3.2.1 Identificação das lideranças nas comunidades alvo**

Foram identificadas lideranças em todas as comunidades alvo do Diagnóstico Socioambiental Participativo. Neste período, 19 lideranças foram identificadas que, somadas àquelas identificadas no semestre anterior, totalizam 50 lideranças. O processo de identificação de lideranças comunitárias ocorreu através do trabalho de campo e de informações disponibilizadas pelo Programa de Apoio às Comunidades Pesqueiras (Programa 20).

As visitas às comunidades alvo para estabelecer contatos com as lideranças locais, identificar equipamentos sociais, realizar entrevistas semiestruturadas, realizar observação direta e aplicar as oficinas estão descritas detalhadamente no subitem a seguir (21.3.2.2 Diagnóstico Sócio Ambiental Participativo).

A cada pesquisa de campo realizada, novas lideranças foram identificadas. O resultado acumulado deste mapeamento e identificação das lideranças está registrado na Tabela 21.3.2.1-1.

Tabela 21.3.2.1-1. Lideranças identificadas.

Localidade	Nome	Atuação / Entidade	Contato
Ilha Diana	Evaldo Domingos de Lima (Cabedelo)	Presidente da Associação de Moradores	13 xxxx-4333
Ilha Diana	Vanderlei Gomes	Vice Presidente da Ass. Moradores	13 xxxx-5336
Ilha Diana	Sílvia de Lima	Moradora	13 xxxx-0447
Ilha Diana	Ângela	Moradora	13 xxxx-2633
Ilha Diana	Shila	Moradora	13 xxxx-0086
Ilha Diana e Monte Cabrão	Cristiane Vargas	Orientadora educacional EMREF	13 xxxx-4991 (escola – Monte Cabrão)
Monte Cabrão	Joel Oliveira da Silva	Diretor EMREF	
Monte Cabrão e Ilha Diana	Enfermeira Mirian Isabel dos Santos Silva	Coordenadora de Saúde na Área Continental de Santos	13 xxxx-1355
Monte Cabrão	Lilia Vasquez	Capatazia de Monte Cabrão – Colônia Z1	13 xxxx-4891
Monte Cabrão	Sebastiana Batista	Bar e Restaurante, ponto de encontro para comercialização de pescado	13 xxxx-4110 Elizangela “Zanza” (nora)
	Durval Mateus dos Santos		
Monte Cabrão	Lúcia	Antiga Coordenadora da Pastoral	13 xxxx-1740 / 13 xxxx-5383
Monte Cabrão	Nívio	Antigo Líder Comunitário	
Monte Cabrão	Miriam Izabel dos Santos Silva	Enfermeira Chefe da Unidade de Saúde da Família	13 xxxx-1358
Monte Cabrão	Maria de Jesus Rosário	Assistentes Sociais Centro de Referência de Assistência social – CRAS Centro Comunitário – CECOM	13 xxxx-1405
	Maria Cristina		
Monte Cabrão	Mara Rúbia Ramos Nunes	Educadora da Escola da Família	13 xxxx-8246
		Escola Rural Municipal	13 xxxx-0765
		Artesão	13 xxxx-1082
Monte Cabrão	Valdecir Barreto	Artesão	13 xxxx-1069
Monte Cabrão	Benedito Fermino dos Santos	Dono de bar na entrada da comunidade	13 xxxx-1882
Monte Cabrão	Rosilene Gomes do Nascimento	Coordenadora da Pastoral da Criança	13 xxxx-9298
Monte Cabrão	Francineide e Chapéu	Candidata a Presidente da Sociedade de Melhoramentos	13 xxxx-0353
Monte Cabrão	Francineide e Chapéu	Candidata a Presidente da Sociedade de Melhoramentos	13 xxxx-0353
Monte Cabrão	Ladi Maria Ribeiro	Vendedora de caranguejo	13 xxxx-6470
Monte Cabrão	Simone Mesquita	Moradora	13 xxxx-3476
Monte Cabrão	Jonas Marquês de Araújo	Encarregado de Serviços Gerais – Área Continental de Santos	13 xxxx-1947
Monte Cabrão	Maria José Rogério do Nascimento	Catadora de Caranguejo	13 xxxx-9477

Tabela 21.3.2.1-1. (Continuação) Lideranças identificadas.

Perequê	José Camilo Batista	Sociedade Amigos do Perequê	13 xxxx-2662 sapecolonia@ig.com.br
	Jorge Luiz dos Santos		
Perequê	Fabio	Capatazia de Perequê – Colônia Z3	13 xxxx-2662
Guarujá	Edson dos Santos Claudio	Presidente da Colônia Z3	13 xxxx-6820 colônia.3florianopeixoto@ig.com.br coloniaz3@terra.com.br
Guarujá	José Antônio Rodrigues	Colônia Z3	
Área Continental de Santos	Cláudio Marques Trovão	Chefe de Departamento – Regional	13 xxxx-1355
Área Continental de Santos	Benedita Lopes de Araújo	Coordenadora – Guarda Municipal	13 xxxx-1325
Santos	Tsuneo Okida	Presidente da Colônia Z1	13 xxxx-2992 colonia.pescadores@terra.com.br
Conceiçãozinha	Valton	Líder comunitário	13 xxxx--3454 / 13 xxxx-2483
Conceiçãozinha	José Santana	Líder comunitário	13 xxxx-4951
Conceiçãozinha	Newton	União dos Pescadores de Conceiçãozinha	13 xxxx-6015
Praia do Góes	José Alexandre	Morador	13 xxxx-6368 / 13 xxxx-0733
Praia do Góes	Adilson Prestes Salles	Bar na Praia	13 xxxx-8676
Praia do Góes	Paulo	Garagem de Jetski	13 xxxx-6424 / 13 xxxx-5341
Praia do Góes	Selma Lupetti Durante	Moradora	13 xxxx-5801 / 13 xxxx-2744
Praia do Góes	Andréa	Presidente da Associação de Moradores	Sede sem telefone
Sítio Cachoeira	Bibiano	Líder Comunitário	13 xxxx-1694
Santa Cruz dos Navegantes e Rio do Meio	Maura Cristiane S. Biho	Capatazia de Santa Cruz dos Navegantes - Colônia de Pescadores Z3	maurabiho_@hotmail.com
Rio do Meio	Cordelina da Silva Santhiago	Liderança local	casa 7 – travessa Aguinero Chavier
Rio do Meio	Maria Nivalda dos Santos Santhiago	Moradora / comércio de camarão	13 xxxx-5592
Rio do Meio	Acari Germano Gadotti	Liderança da pesca	13 xxxx-7761
Rio do Meio	Alice Diniz Gonçalves	Associação de Moradores de Rio do Meio e a Vila Lígia	13 xxxx-0053 13 xxxx-6975 (Alice)
Rio do Meio	Gerson Motta Pontes “Gersinho”	Associação dos Pescadores do Rio do Meio	13 xxxx-2763

### 21.3.2.2. Diagnóstico Sócio-ambiental Participativo

No período deste relatório (julho a novembro de 2010) foi realizado o levantamento de informações pela consulta a diversas fontes para verificação de dados secundários, como planos diretores municipais de Santos e Guarujá, trabalhos acadêmicos, relatórios técnicos, projetos e sites destas cidades. Os resultados deste levantamento estão apresentados a seguir. Estas pesquisas terão continuidade ao longo do próximo semestre.

Foram realizadas diversas visitas às comunidades para aplicação das ferramentas de entrevistas semi-estruturadas, observação direta e levantamento do perfil histórico. Estas atividades foram realizadas nas comunidades de Monte Cabrão e Ilha Diana, na Área Continental de Santos, Rio do Meio e Praia do Góes, em Guarujá, SP. A Figura 21.3.2.2-1 apresenta a localização destas comunidades.

Ainda neste período, foram realizadas oficinas em Monte Cabrão e Ilha Diana e foi iniciada a Fase 4 da construção do Diagnóstico Socioambiental para estas duas comunidades. Esta fase consiste no cruzamento e na sistematização das informações recolhidas nas pesquisas de campo, nas oficinas e nas pesquisas em fontes secundárias. O estágio da produção do Diagnóstico Socioambiental Participativo, para cada uma das oito comunidades alvo, é mostrado na Tabela 21.3.2.2-1.

Os resultados das pesquisas de campo e do levantamento de informações em fontes secundárias, realizados neste período, para as comunidades de Rio do Meio, Praia do Góes, Ilha Diana e Monte Cabrão, são apresentados a seguir.

Tabela 21.3.2.2-1. Situação atual do Diagnóstico Socioambiental Participativo para cada comunidade alvo do Programa 21 (NI- não iniciada)

Comunidades	Fases do Diagnóstico Socioambiental			
	1	2	3	4
Monte Cabrão	Realizada	Realizada	Realizada	Parcialmente
Ilha Diana	Realizada	Realizada	Realizada	NI
Praia do Góes	Realizada	Parcialmente	NI	NI
Rio do Meio	Realizada	Parcialmente	NI	NI
S.C. dos Navegantes	Realizada	Parcialmente	NI	NI
Conceiçãozinha	Parcialmente	NI	NI	NI
Perequê	Parcialmente	NI	NI	NI
Sítio Cachoeira	Parcialmente	NI	NI	NI



Figura 21.3.2.2-1. Foto aérea da região do empreendimento, destacando-se as comunidades pesquisadas pelo Programa 21, no período compreendido por este relatório: (1) Ilha Diana, (2) Monte Cabrão, (3) Praia do Góes e (4) Rio do Meio. Fonte: Google.

### **Rio do Meio**

➤ **Dados secundários:**

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Guarujá (2010), o assentamento do Rio do Meio é antigo, sendo que existe desde 1960. As ocupações se localizam em as áreas alagadiças e de mangue com construções sobre palafitas. Parte do assentamento já está consolidado e inserido à malha urbana, porém no interior, às margens do Rio do Meio, o assentamento é bastante precário. Na área ocupada existe rede de água e energia elétrica, iluminação pública e telefone. Em algumas ruas há pavimentação, transporte coletivo e também há pontos de coleta de lixo. O entorno possui ruas com infra-estrutura urbana, exceto rede de esgoto. Próximo à área existem vários equipamentos urbanos como creches, escolas,

posto de saúde, biblioteca, base comunitária de segurança, centro comunitário e associação de moradores. Do ponto de vista ambiental, a principal desconformidade é a ocupação em Área de Preservação Permanente. A Figura 21.3.2.2-2, mostra a aérea da comunidade de Rio do Meio.

Hoje, esta comunidade sente os efeitos da queda da produção de camarão provocada, ao que tudo indica, pela degradação do fundo oceânico na região costeira, onde existem canais, braços de mar, mangues e outras áreas que formam os criadouros naturais das espécies marinhas. Muitas unidades de processamento já foram à falência, com congeladores vazios. Os poucos barcos que atracam nas margens do Rio do Meio para descarregar o produto contabilizam prejuízo: depois de 15 dias no mar retornam com apenas 1 tonelada, significando cerca de 10% da produção obtida em outros tempos.

A salga que já processou 700 a 800 quilos de camarão por dia, empregando dezenas de pessoas, hoje trabalha com 40 quilos por dia. Há no Rio do Meio pelo menos umas dez salgas para processamento de camarão empregando dezenas de pessoas. A Empresa CL Pescados, no período máximo de produção é responsável por 400 empregos diretos e indiretos.



Figura 21.3.2.2-2. Foto aérea com destaque da comunidade de Rio do Meio, no Município de Guarujá, localizada ao longo do rio que leva o mesmo nome. Fonte: Google

➤ Dados de campo:

Dando continuidade à coleta de dados para a construção do Diagnóstico Socioambiental Participativo da comunidade de Rio do Meio foram realizadas duas visitas a esta comunidade, nos dias 19 e 22 de julho de 2010, quando foram feitas entrevistas semi-estruturadas, identificados equipamentos públicos e feito o registro fotográfico. Foi identificada uma sede da Pastoral da Criança na Travessa Aguinero Xavier, instituição significativa para esta comunidade (Figura 21.3.2.2-3).

Em entrevista semi-estruturada com a Sra. Maria Nivalda dos Santos Santhiago (Figura 21. 3.2.2-4), moradora da Travessa Aguinero Xavier, esposa de pescador, que trabalha no beneficiamento e comercialização do camarão pescado, foi declarado que atualmente quase todo camarão desembarcado ali é levado para o Sul. Segundo relatos da Sra. Maria, caminhões de Santa Catarina ficam por 3 ou 4 dias aguardando a chegada dos baleeiros e levam praticamente toda a produção. Para os pescadores isto não representa um problema, pois estão vendendo sua produção, mas isto repercute para as mulheres que trabalham nas salgas, descascando camarão e que estão ficando sem trabalho.



Figura 21.3.2.2-3. Sede da Pastoral da Criança na Travessa Aguinero Xavier, comunidade de Rio do Meio. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-4. Entrevista semi-estruturada com a Sra. Maria Nivalda dos Santos Santhiago, comerciante de camarão. Autora: Beth Romano.

Foi realizada entrevista semi-estruturada com as limpadoras de camarão de Rio do Meio, Sras. Maria Imensão dos Santos e Elizabeth Oliveira da Conceição (Figura 21.3.2.2-5). Segundo as mesmas, mais de 100 mulheres atuam na comunidade de Rio do Meio, no beneficiamento do camarão nas diversas salgas instaladas na localidade, como prestadoras de serviço, sendo o pagamento feito por produção (R\$ 0,80 por quilo limpo de camarão). Algumas mulheres mais experientes chegam a descascar até 100 quilos por dia. Constatou-se na entrevista que trabalham nesta atividade mulheres oriundas de várias localidades de Guarujá (Morrinhos, Santo Antônio, entre outros). As Figuras 21.3.2.2-6 e 7 retratam a atividade de beneficiamento do camarão.



Figura 21.3.2.2-5. Entrevista semi-estruturada com as Sras. Maria Imensão dos Santos e Elizabeth Oliveira da Conceição, trabalhadoras das salgas de camarão. Autora: Bette Romano.



Figura 21.3.2.2-6. Mulheres trabalhando na limpeza manual do camarão sete-barbas em salga na Comunidade de Rio do Meio. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-7. Lavagem do camarão sete-barbas em salga na Comunidade de Rio do Meio. Autor: Fernando R. Nastasi.

## **Praia do Góes**

Esta comunidade passou a fazer parte do público alvo a partir de julho de 2010. Inicialmente, a Praia do Góes não estava definida como público alvo no plano de trabalho, pois o critério para definição de quais comunidades seriam incluídas considerou a existência de atividade de pesca e a vulnerabilidade social do grupo. A Figura 21.3.2.2-8, representa a comunidade de Praia do Góes.

No caso desta comunidade, inicialmente, pela não existência de atividade de pesca e pela constatação de que o grau de vulnerabilidade e risco social era menor do que nas outras comunidades existentes na região, ela não foi incluída nas comunidades alvo. Entretanto, segundo resultados do Programa de Monitoramento Praial, que vem observando um processo crescente de assoreamento da praia e questionamento dos moradores sobre a dragagem de aprofundamento, foi avaliado pela Codesp, que seria importante incluir esta comunidade nas ações de educação ambiental. Então a partir do mês de julho de 2010 a comunidade de Praia do Góes foi acrescentada ao público alvo e neste período iniciaram-se as ações para produção do Diagnóstico Socioambiental Participativo desta comunidade. Foi acordada com a Codesp a permuta do público alvo Ponta da Praia para Praia do Góes. Ressalta-se que a comunidade da Ponta da Praia continua inserida como público alvo do programa uma vez que ela será contemplada pelas Visitas Monitoradas Temáticas sobre a Obra de Dragagem de Aprofundamento.

➤ **Dados secundários:**

Localizada numa pequena praia arenosa de 250 metros de extensão, na margem esquerda da desembocadura do canal que dá acesso ao Porto de Santos a sudoeste da Ilha de Santo Amaro, a comunidade de Praia do Góes ocupa um vale estreito entre o mar e as vertentes íngremes do Morro da Barra. O acesso ao Góes, por via terrestre, é feito a partir da praia vizinha, Praia de Santa Cruz dos Navegantes, por um estreito caminho que margeia o costão rochoso.

Este povoado está praticamente isolado da cidade do Guarujá, município a que pertence. Tal situação é, em parte, compensada pela proximidade do bairro

da Ponta da Praia, localizado na margem oposta ao canal, em Santos, acessado por meio de catraias ou chatinhas, por um percurso de cerca de 1,5Km. Esta proximidade contribuiu para que se estabelecesse, entre esta comunidade e Santos, uma estreita relação vinculada às necessidades básicas dos moradores, pois é, nesse município, que muitos deles estudam, trabalham, fazem compras e cumprem seus deveres sociais e religiosos (Prefeitura de Guarujá, 2010).



Figura 21.3.2.2-8. Foto aérea da comunidade de Praia do Góes. Fonte: Google

A comunidade Praia do Góes formou-se no início do século XX, pelo assentamento de caiçaras, procedentes de outros pontos da costa de São Paulo, na busca por sua própria subsistência. Até 1938, os moradores da Praia do Góes viviam em estreita dependência com o meio, onde obtinham lenha como

combustível e matéria-prima com a qual construía suas habitações de pau-a-pique. A pesca e pequenas lavouras eram suas fontes de alimento. Entre junho e agosto, a pesca da tainha constituía um grande acontecimento em torno do qual toda a comunidade se envolvia.

De 1934 a 1939, mais pescadores procedentes do litoral norte, fixaram-se no Góes, o que contribuiu para elevar o número de habitantes e estimular a prática da pesca. De 1939 a 1948 a Praia do Góes firmou-se como um autêntico núcleo de pescadores. Nesta época era comum o sistema de pesca coletiva, mais rentável e proveitosa que o individual. A partir de 1962, os pescadores que aí viviam, começam a abandonar o local e a atividade, atraídos por salários fixos em outras oportunidades de trabalho em Santos, passando a vender as moradias para pessoas de fora não ligadas à pesca. Alguns pescadores permaneceram praticando o sistema de pesca individual outros, passaram a trabalhar no serviço de transporte em catraias, no comércio de bebidas e petiscos à base de peixe nos pequenos bares existentes; principais atividades econômicas até os dias de hoje (Tulik, 2004).

Em 1963, foi fundada a Sociedade de Melhoramentos e Amigos da Praia do Góes. A partir de 1964, a água das nascentes passou a ser armazenada em reservatórios, construídos com a ajuda dos governos municipal e estadual, e encanada até as residências. Em janeiro de 1977, foi fundada a Sociedade dos Catraieiros da Praia do Góes com a finalidade principal de organizar o tráfego e elaborar escalas de trabalho (Tulik, 2004).

➤ Dados de campo:

No período referente a este relatório, foi iniciada coleta de dados em campo para construção do Diagnóstico Socioambiental Participativo na comunidade de Praia do Góes, com a realização de visitas à localidade, em 06 e 30 de julho, 19 de agosto e no dia 04 de outubro de 2010, quando foram feitas entrevistas semi-estruturadas com moradores, identificados os equipamentos públicos existentes e feito o registro fotográfico.

A visita de campo realizada à comunidade, em 06 de julho de 2010, foi feita em conjunto com as equipes dos Programas de Monitoramento do Perfil Praial e de Comunicação Social. Nesta ocasião, a equipe do Programa de Monitoramento do Perfil Praial (P08) explicou para as equipes dos Programas Comunicação Social (P19) e Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) a sua metodologia de pesquisa e as prováveis hipóteses para o assoreamento que vem ocorrendo na área.

A Figura 21.3.2.2-9 retrata a geóloga Célia Regina Gouveia de Souza (coordenadora do programa de Monitoramento do Perfil Praial) fazendo exposição para membros das equipes dos Programas de Comunicação Social e Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem sobre a metodologia utilizada nos seus estudos. A Figura 21.3.2.2-10 mostra a equipe do Programa de Monitoramento Praial trabalhando no local. Este assoreamento, segundo a geóloga Célia Regina Gouveia de Souza, não estaria relacionado à obra de dragagem, mas às condições climáticas, oceanográficas e a outros fenômenos naturais, somados à ocupação antrópica da faixa de areia. Na ocasião, a equipe do presente programa apresentou as possibilidades de abordagem desta problemática pelas atividades de educação ambiental a serem desenvolvidas na comunidade. Ainda nesta visita, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com alguns moradores e lideranças locais.

Foi realizada entrevista semi-estruturada com a Sra. Selma Lupetti Durante (Figura 21.3.2.2-11) moradora há 13 anos e frequentadora da comunidade desde a infância, pois sua família é originária do local. Em relação ao saneamento básico, foi declarado pela mesma que a Universidade Santa Cecília já elaborou um projeto para saneamento da Praia do Góes, mas que este não pôde ser executado pelo seu alto custo e pela falta de espírito coletivo desta comunidade. Declarou ainda, que a área é tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), desde janeiro de 1983. Foi apresentada pela mesma uma cópia do documento de tombamento da área (Figura 21.3.2.2-12). Quanto à energia elétrica, o serviço é fornecido pela mesma companhia que abastece todo o município de Guarujá. Outro aspecto apontado pela Sra. Selma, relacionado à falta de união da comunidade, foi a não realização da Festa da Tainha este ano, que ocorria tradicionalmente com o apoio da Prefeitura de Guarujá.



Figura 21.3.2.2-9. Equipe do Programa de Monitoramento Praial fazendo exposição para membros das equipes dos Programas de Comunicação Social (P19) e Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) sobre a metodologia utilizada nos seus estudos. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-10. Equipe do Programa de Monitoramento do Perfil Praial (P08) executando os trabalhos de campo. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-11. Membros das equipes dos Programas de Comunicação Social (P19) e Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) e de Monitoramento do Perfil Praial (P08), com a moradora Selma Lupetti Durante, entrevistada pela equipe do Programa 21. Autor: Fernando R. Nastasi.

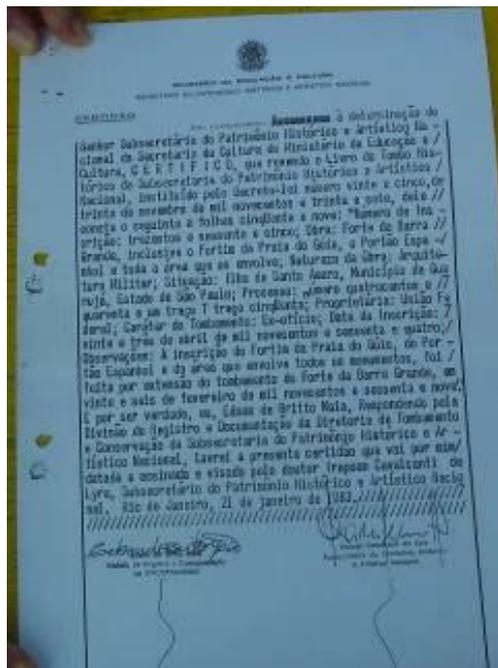


Figura 21.3.2.2-12. Documento do IPHAN apresentado à equipe do Programa Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) pela moradora Selma Lupetti Durante. Autor: Cristina Cavalleiro.

Foi realizada entrevista semi-estruturada com o Sr. Adilson Prestes Salles (Figura 21.3.2.2-13), morador local há 22 anos e dono de um bar instalado na beira da praia. Foi declarada pelo mesmo, a falta de união entre os membros da

comunidade para a resolução dos problemas enfrentados. Segundo o Sr. Adilson, os últimos eventos relatados pelos moradores sobre a ocorrência de grandes ondas que vem atingindo a praia, inclusive atraindo surfistas, já aconteceram em outras épocas do passado. As alterações em relação ao assoreamento em diferentes pontos da praia também já foram observadas pelo mesmo morador no passado.

Em entrevista semi-estruturada com o Sr. Paulo Rogério Teodósio (Figura 21.3.2.2-14), morador local há 13 anos e dono de garagem de *Jet ski* no local, o mesmo declarou que há dificuldade de acesso durante dias de mar agitado ou nas marés mais baixas. O assoreamento que vem ocorrendo impede que as embarcações atraquem no píer. O mesmo declarou, possuir imagens gravadas destes últimos eventos com grandes ondas. Segundo Sr. Paulo, a associação de moradores possui uma sede, mas nos dias de hoje passa por dificuldades para manutenção de sua existência.



Figura 21.3.2.2-13. Entrevista semi-estruturada com o Sr. Adilson Prestes Salles e membros das equipes dos Programas Comunicação Social (P19) e Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Autor: Ana Ma. M. Marins.



Figura 21.3.2.2-14. Entrevista semi-estruturada com o Sr. Paulo Rogério Teodósio e membros das equipes dos Programas Comunicação Social (P19) e Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Autor: Fernando R. Nastasi.

Como observação direta feita pela equipe do presente Programa foi constatada que os resíduos sólidos domésticos gerados nesta comunidade são transportados por embarcações para Santa Cruz dos Navegantes, onde ocorre a coleta pela prefeitura (Figura 21.3.2.2-15). Também em relação ao lixo doméstico, foi observada a existência de um local no canto esquerdo da praia, onde é praticada a queima irregular e indevida de alguns tipos de resíduos pelos moradores e onde são depositados objetos inservíveis, que são posteriormente recolhidos por sucateiros de fora da comunidade.



Figura 21.3.2.2-15. Praia do Góes. Recolhimento de lixo por embarcação (no centro).  
Autor: Fernando R. Nastasi.

Posteriormente a essa visita, foi realizado encontro entre membros deste programa e lideranças da comunidade, promovido pela Associação dos Moradores da Praia Góes, na noite do dia 30 de julho de 2010 (Figura 21.3.2.2-16). A reunião contou com a presença de técnicos da Codesp e membros das equipes dos Programas de Gerenciamento da Implantação dos Programas Básicos Ambientais, Comunicação Social, Apoio a Comunidade Pesqueira e Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (Programas 01, 19, 20 e 21, respectivamente).

Inicialmente a Sra. Márcia Jovito (Codesp) fez uma apresentação sobre a obra de dragagem de aprofundamento do canal de navegação do Porto de Santos, na qual falou sobre a importância do empreendimento para região com a explicação detalhada dos programas de monitoramento ambiental. Em seguida, foi realizada apresentação do programa Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21), por sua equipe, esclarecendo objetivos, metodologias e as atividades que serão desenvolvidas junto à comunidade.



Figura 21.3.2.2-16. Apresentação do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) para membros da comunidade de Praia do Góes. Autor: Fernando R. Nastasi.

Foi ressaltada pelos moradores a gravidade dos problemas que a comunidade vem enfrentando em relação ao assoreamento da praia, que está cada vez mais larga, o que dificulta atracação das embarcações que fazem o transporte dos moradores para Santos. Outro relato dos moradores diz respeito à força e amplitude das ondas, fenômeno que, segundo eles, vem sendo observado recentemente. No entendimento dos moradores, estes fenômenos estão relacionados à obra de dragagem. Eles queixam-se de prejuízos para a comunidade que fica isolada em alguns momentos, impedidos de ir e vir para a escola, trabalho, atendimento médico e abastecimento de víveres, uma vez que não há comércio de gêneros alimentícios na própria comunidade. Além disto, temem que isto possa prejudicar as atividades locais ligadas ao turismo. Foi declarado pelos moradores que não existe, por parte deles, oposição à obra de dragagem, mas reivindicam a reconstrução de atracadouro que se encontra em ruínas, situado na extremidade não assoreada da praia.

Em resposta, foram destacados pela Codesp os estudos ambientais que vem acompanhando a obra de dragagem de aprofundamento do canal e que os dados e análises destes estudos serão apresentados oportunamente aos moradores. Esclareceu-se, ainda, que um dos objetivos desta reunião é estabelecer um canal de comunicação entre a comunidade e a Codesp, além de

apresentar as equipes dos programas de Comunicação Social (P19) e de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Foi ainda esclarecido, que a equipe responsável pelo Programa 21 estará em contato direto com a comunidade para a elaboração de diagnóstico socioambiental participativo.

Em relação às possibilidades de ações de desenvolvimento local, os moradores falaram das dificuldades de implantação de melhorias para a comunidade, devido à condição fundiária. Trata-se de área de marinha tombada pelo patrimônio histórico, fato que gera exigências por parte de órgãos reguladores e fiscalizadores, como o IBAMA, Capitania dos Portos e IPHAN. Na ocasião, uma carta foi lida pela presidente da associação de moradores. O texto foi redigido pela comunidade, com apoio do Sr. Fabrício Gandini, representante do Instituto Maramar, solicitando esclarecimentos sobre o programa de monitoramento praias.

Em 19 de agosto de 2010 foi realizado mais um trabalho de campo na comunidade de Praia do Góes. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas e também a observação direta do assoreamento provocado pela forte ressaca que atingiu a região em 14 e 15 de agosto, portanto, cinco dias antes da visita aqui registrada. Na ocasião, foram entrevistados os seguintes moradores: Sr. Osmair Prestes Sales (funcionário da pousada), Sr. Jair Lopes (comerciante), Sr. Alexandre Lopes de Oliveira (aposentado), Sra. Selma (dona de casa) e seu marido o Sr. Lelis (aposentado). A Figura 21.3.2.2-17 mostra um destes entrevistados. O conteúdo total das entrevistas está registrado no Anexo 21.8-2.

Pôde-se observar que a ponte de madeira que se estende do atracadouro até a vila estava coberta por areia e as vias de drenagem natural da praia também se encontravam obstruídas. Para liberação destes acessos, a areia foi removida pelos próprios moradores e ensacada para uso posterior (Figuras 21.3.2.2-18 a 20).



Figura 21.3.2.2-17. Entrevista com o Sr. Jair Lopez, morador antigo, de família tradicional da comunidade de Praia do Góes. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-18. Assoreamento junto à pousada localizada no canto esquerdo da Praia do Góes. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-19. Areia ensacada pelos moradores, para remoção do ponto de maior assoreamento no canto esquerdo da Praia do Góes. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-20. Drenagem de águas pluviais que precisou ser desobstruída pelos moradores devido ao assoreamento ocorrido na Praia do Góes. Autor: Fernando R. Nastasi.

Foi constatado, nas entrevistas realizadas, que a comunidade é fechada em torno das mesmas famílias há anos. Os moradores atuais são herdeiros das moradias e lotes de seus antepassados e só entram novos membros na comunidade pelo casamento com nativos. Outra característica relatada, de modo geral, é a desunião entre os moradores; segundo eles, isto dificulta a luta por melhorias no local. Além disto, outra fala recorrente diz respeito aos

impedimentos legais de se fazer qualquer melhoria, mesmo se custeada pelos moradores.

Constatou-se que os entrevistados atribuem à dragagem o assoreamento da praia. Qualquer outra alteração na Praia do Góes também é atribuída à dragagem, mesmo que seja claramente provocada por fenômenos climáticos e/ou oceanográficos.

Outro relato, que apareceu nas entrevistas, diz respeito ao aumento da ondulação, que além de dificultar a atracação dos barcos, está comprometendo o único caminho de acesso por terra, que liga a comunidade à Santa Cruz dos Navegantes (Figura 21.3.2.2-21). A força das ondas vem causando a erosão da trilha e pode também ser observado o aspecto queimado da vegetação, pelo contato com a água salgada.



Figura 21.3.2.2-21. Trecho da trilha utilizada pelos moradores da Praia do Góes em dias em que a atracação é impossibilitada pelas condições climáticas, seja maré ou chuvas intensas. Autor: Fernando R. Nastasi.

Em todas as entrevistas realizadas nesta e em ocasiões anteriores, ficou claro a grande preocupação da comunidade em relação ao problema de acesso à Praia do Góes, seja pelo assoreamento do local do píer - que impede atracações

na maré baixa -, seja pelo aumento da ondulação em entradas de frentes frias, que também impede a atracação com segurança.

Outra visita da equipe deste programa a esta comunidade se deu em 04 de outubro de 2010, num encontro da Associação de Moradores de Praia do Góes, que contou com a participação de moradores, representantes da Codesp, equipe deste programa e dos Programas de Monitoramento do Perfil Praial (P08) e de Comunicação Social (P19). A reunião contou também com a presença de representantes da Prefeitura de Guarujá e do Instituto Maramar.

Inicialmente foi feita a leitura pela Presidente da Sociedade de Melhoramentos da ata da última de reunião que ocorreu com representantes da prefeitura. Nesta reunião foram tratados os seguintes problemas enfrentados pela comunidade:

- Falta de luz, com cortes que às vezes duram até 12 horas;
- Lixo na areia e falta de saneamento básico;
- Problemas supostamente causados pela dragagem, como o assoreamento da praia, aumento das ondas, destruição da trilha e problema para atracação das embarcações, pois o píer encontra-se seriamente danificado e comprometido em sua estrutura;
- Sobre a questão fundiária foi falado sobre a regularização de habitações de moradores permanentes. As casas de temporada e aquelas que foram construídas sobre a faixa de areia da praia, como por exemplo, a pousada, terão que ser removidas.

Todos os participantes se apresentaram e foi expressa, pelos moradores presentes, a angústia que os mesmos vêm enfrentando devido às dificuldades de acesso à praia, nas ressacas e períodos de baixa-mar. Foi ressaltada a urgência em se resolver esta questão do acesso, em um curto prazo.

Foi feita explanação pelo Sr. Leo, morador da Praia do Góes desde 1954 e trabalhador da Guarda Portuária há 30 anos, que apresentou considerações e observações como antigo morador da localidade. Segundo ele:

- A Praia do Góes sempre foi um local protegido, que inclusive foi usado pelas naus portuguesas como porto seguro;
- O aumento da ondulação, observado nos últimos meses, vem erodindo a trilha e assoreando a praia;
- Tem observado alteração no fundo de toda a área costeira entre a Ilha das Palmas e a Fortaleza da Barra, com a retirada da coroa de areia, que é o que protege esta costa;
- Em relação à pesca, relatou a diminuição de siri e não foi observada a entrada das tainhas para desova neste inverno.

Ao final de sua explanação o Sr Léo, propôs que a dragagem fosse feita próxima da costa de Guarujá, o que, segundo o mesmo, diminuiria a ondulação. Ainda solicitou, em nome de todos os moradores, uma oportunidade de diálogo com a Codesp, com o objetivo da resolução destes problemas, mesmo que de forma paliativa num primeiro momento.

Foi tomada a palavra pelo Secretário de Meio Ambiente de Guarujá, Sr. Hélio Lopez, pelo qual foi ressaltada a sensibilização da prefeitura sobre a situação problemática da praia. O Secretário informou que haverá uma conversa direta entre a Prefeitura de Guarujá com a presidência da Codesp, para resolver o problema do píer de atracação e a iluminação da trilha.

Em seguida, foi feita apresentação dos últimos resultados dos programas de monitoramento pela Sra. Márcia Jovito (Gerente de Controle Ambiental da Superintendência de Saúde, Segurança e Meio Ambiente da Codesp) (Figura 21.3.2.2-22). Na ocasião, os moradores foram informados da paralisação da dragagem no Trecho 01 da obra, houve oposição dos moradores, alegando que a draga continua trabalhando em frente ao Góes, portanto, no Trecho 01.



Figura 21.3.2.2-22. Apresentação da Sra. Márcia Jovito sobre a situação atual da obra de dragagem de aprofundamento do Porto de Santos, no encontro promovido pela Associação de Moradores de Praia do Góes, em 4 de outubro de 2010. Autor: Cristina Cavalleiro.

Foi realizada pela geóloga Célia Regina de Gouveia Souza, coordenadora do Programa de Monitoramento do Perfil Praial (P08), uma apresentação dos resultados parciais destes estudos para a Praia do Góes (Figura 21.3.2.2-23). Segundo a mesma, a Praia do Góes está classificada como de alto risco de erosão e que sofre alterações por conta de processos naturais e antrópicos.



Figura 21.3.2.2-23. Apresentação da geóloga Célia Regina de Gouveia Souza, coordenadora do Programa de Monitoramento do Perfil Praial (P08), sobre os resultados parciais do Monitoramento do Perfil Praial do Góes, no encontro promovido pela Associação de Moradores de Praia do Góes, em 4 de outubro de 2010. Autor: Cristina Cavalleiro.

Houve questionamento por parte dos presentes em relação ao período que seria necessário para obtenção de respostas a partir dos estudos, frente à necessidade emergencial de se resolver o problema de acessibilidade da praia. Foi esclarecido, pela representante da Codesp, a necessidade de se obter as informações geradas a partir dos estudos do Programa de Monitoramento do Perfil Praial (P08), para ações em longo prazo e para o entendimento dos processos que ocorrem no fundo desta área costeira. Entretanto, foi ressaltada a preocupação da Codesp com o problema que esta comunidade vem enfrentando, independente de estar ou não relacionado à dragagem de aprofundamento.

Ao final, ficou acordado, que será agendada uma reunião entre a Prefeitura de Guarujá, a Codesp e representante dos moradores da Praia do Góes, para que sejam avaliadas soluções, até que se consiga entender melhor as possíveis causas do problema de assoreamento da praia.

### **Monte Cabrão**

➤ **Dados secundários:**

A imagem aérea da comunidade de Monte Cabrão está representada na Figura 21.3.2.2-24. Segundo dados da Prefeitura de Santos (2010), Monte Cabrão integra a Área Continental de Santos com aproximadamente 600 habitantes. A origem do nome faz referência ao monte com topo arredondado, ao redor do qual surgiu o povoado. Uma das primeiras famílias a fixar residência no local foi a Jensen, descendente do imigrante nórdico Jacob Jensen, que desbravou o lugar entre 1899 e 1900. A população do bairro atualmente é formada por pessoas oriundas do nordeste do Brasil, com a pesca e pequeno comércio voltados para a comunidade local. Em 1980 havia 80 habitantes e em 1993 a população subiu para 220 famílias.

O bairro conta com atendimento médico de uma policlínica e uma escola municipal, a EMEF Rural do Monte Cabrão, que atende cerca de 200 estudantes. O tipo de construção existente é de alvenaria. Quanto à infra-estrutura urbana, o bairro dispõe de energia elétrica, iluminação pública na via principal, rede de telefone e pontos de coleta de lixo. Existem ocupações de área de preservação permanente, em encosta de morro.

➤ Dados de campo:

Foi dada continuidade à coleta de dados em campo para construção do Diagnóstico Socioambiental da comunidade de Monte Cabrão. Em visita à comunidade realizada em 16 de julho de 2010, foi feita visita à Unidade Municipal de Educação, UME Rural de Monte Cabrão. Na oportunidade, foi apresentado o presente Programa para a Sra. Rosemary de Oliveira Branco Francisco, Diretora das Escolas UME Rural de Monte Cabrão e de Ilha Diana. Na ocasião, foi solicitado pela Diretora o envio de ofício para formalização da utilização dos espaços das escolas de Monte Cabrão e Ilha Diana.



Figura 21.3.2.2-24. Foto aérea da comunidade de Monte Cabrão. Fonte: Google

Foi entrevistada a Sra. Lúcia Costa Carvalho (ex-coordenadora da Pastoral da Criança) esposa do Sr. Nívio Gonçalves Carvalho (ex-presidente da associação de moradores). Na oportunidade, a liderança acima citada indicou a nova coordenadora da Pastoral da Criança na comunidade, a Sra. Rosilene Gomes do Nascimento e também a nova presidente da Associação de Moradores, a Sra. Francineide.

Na entrevista, a Sra. Lúcia descreveu as atividades que são desenvolvidas pela Pastoral da Criança, em Monte Cabrão, sendo elas:

- Sopa para as crianças uma vez por mês;
- Fornecimento da multimistura;
- Produção de xarope caseiro e pomada, utilizando-se inclusive de ervas locais;
- Panificação artesanal;
- Pesagem das crianças (recém nascidos até 5 anos e 11 meses).

Na entrevista, foi apontada a existência de artesanato com garrafas *pet*, e foi informada a existência de uma proposta de cursos para comunidade feita por uma artesã de São Vicente. Foram listadas pela Sra. Lúcia as seguintes necessidades para a comunidade de Monte Cabrão:

- Creche;
- Centro comunitário / sede para a Associação de Moradores;
- Sede para a Pastoral.

Foi também relatado pela Sra. Lúcia o problema de saneamento que a comunidade enfrenta. Segundo a mesma, já foi proposta a instalação de fossas sépticas nas residências, porém a Sabesp não pôde realizar as obras, pois não há regularização fundiária das habitações do bairro.

Em entrevista semi-estruturada com a Sra. Rosilene Gomes do Nascimento (nova coordenadora da Pastoral da Criança em Monte Cabrão) foram confirmadas as informações declaradas pela Sra. Lúcia. Foi feita ainda observação sobre a deficiência do transporte público, que chega a demorar até 3 horas nos finais de semana.

Foi feito novo contato com Sra. Sebastiana Batista, já entrevistada pela equipe do Programa Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Segundo a mesma, a coleta de lixo é realizada três vezes por semana, de forma satisfatória. Outro aspecto relatado foi a Festa Junina, que ocorre todos os anos, mas que este ano não ocorreria por falta de organização

dos moradores. Foi também declarado pela Sra. Sebastiana a falta de camarão que já está acontecendo, apesar do período de pesca ainda estar no início.

Foi realizada entrevista semi-estruturada com o Sr. Francisco Ferreira de Lima (Figura 21.3.2.2-25), morador de Monte Cabrão desde 1973, que trabalha com materiais recicláveis. O mesmo declarou que em sua residência é feita a estocagem, separação e revenda de todo o tipo de material reciclável. A coleta destes materiais é feita por ele mesmo, nos arredores, e ele conta com a colaboração da população, que entrega os resíduos recicláveis em sua residência. Destaca-se que esta atividade pode representar um embrião de uma atividade econômica, com potencial promissor para agregar outros moradores do local.



Figura 21.3.2.2-25. Entrevista semi-estruturada com o Sr. Francisco Ferreira de Lima, catador de recicláveis em Monte Cabrão, com Lara Hamem (membro da equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Autor: Fernando R. Nastasi.

Foi realizada entrevista semi-estruturada com o Sr. Jonas Marquês de Araújo, encarregado de serviços gerais na Área Continental de Santos. O mesmo ressaltou a falta de organização da comunidade, e exemplificou com as reuniões comunitárias mensais, as quais já foram frequentes, mas não ocorrem mais. Além disto, ele informou sobre as reuniões territoriais, das quais a equipe do presente programa pretende participar posteriormente.

Foi realizada visita à Unidade Básica de Saúde (UBS) de Monte Cabrão. Na ocasião, foi feito contato com a enfermeira Mirian Isabel dos Santos Silva,

Coordenadora de Saúde da Área Continental. A mesma disponibilizará alguém da área da saúde para participar das oficinas a serem agendadas em Monte Cabrão e Ilha Diana pelo presente Programa.

Foi realizada entrevista semi-estruturada com o Sr. Benedito Fermino dos Santos (Figura 21.3.2.2-26), dono de bar na entrada da comunidade. O mesmo apontou as seguintes necessidades para a comunidade:

- Posto policial;
- Dentista na UBS.



Figura 21.3.2.2-26. Entrevista semi-estruturada com o Sr. Benedito Fermino dos Santos, dono de bar na entrada da comunidade de Monte Cabrão, com Fernando R. Nastasi (membro da equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Autor: Lara Hamen

Na companhia do Sr. Benedito, foram visitados outros locais de Monte Cabrão, que representam certa polêmica na comunidade; como por exemplo, um antigo terreno da empresa Gutierrez, onde hoje funciona um pátio da prefeitura para veículos apreendidos (Figura 21.3.2.2-27), e uma antiga criação de porcos, que foi fechada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Figura 21.3.2.2-28). Ambas as áreas, segundo o entrevistado, poderiam ser utilizadas para a construção de habitações para as famílias que se encontram em áreas de risco ou de ocupação irregular. Foi citada ainda a área onde existe uma torre da empresa Oi.



Figura 21.3.2.2-27. Terreno em Monte Cabrão onde hoje funciona um pátio para veículos apreendidos. Autor: Fernando R. Nastasi



Figura 21.3.2.2-28. Terreno em Monte Cabrão onde se localizava uma antiga criação de porcos. Autor: Fernando R. Nastasi

Foi realizada entrevista semi-estruturada com a Sra. Maria José Rogério do Nascimento, conhecida na comunidade como Sra. Lia, catadora de caranguejos (Figura 4.21.4.2-29). Ela declarou que a atividade de coleta destes crustáceos é feita ao longo do Canal de Bertioga e a produção é levada para feira de Vicente de Carvalho e outros locais. A mesma apontou as seguintes necessidades para a comunidade:

- Creche;
- Pronto Socorro na UBS;
- Posto policial;

- Regularização fundiária e ocupação ordenada do pátio de veículos da prefeitura.

Foi realizada entrevista semi-estruturada com o Sr. Osvaldo Manzano Cruz, conhecido como Nando. O mesmo declarou a falta de consciência ambiental da população local, pois muitos moradores despejam resíduos no manguezal, comportamento observado inclusive entre os catadores de caranguejo.



Figura 21.3.2.2-29. Entrevista semi-estruturada com a Sra. Maria José Rogério do Nascimento, conhecida na comunidade como Dona Lia, catadora de caranguejos em Monte Cabrão, feita pela Iara Hamem (membro da equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Autor: Fernando R. Nastasi

Foi entregue, em 15 de julho de 2010, ofício para a Sra. Rosemary de Oliveira Branco Francisco, Diretora das Escolas (UME – Unidade Municipal de Educação Rural de Monte Cabrão e da UME Rural de Ilha Diana) para formalizar uma solicitação do uso dos espaços das escolas de Monte Cabrão e Ilha Diana como local para a realização das oficinas nestas comunidades. Cópia do ofício está mostrada no Anexo 21.8-3.

Posteriormente, foram realizadas duas visitas à comunidade, nos dias 16 e 27 de julho de 2010. Na primeira ocasião foi feita visita a casa da Sra. Francineide, indicada como liderança local por entrevistados anteriores. A mesma trabalha em uma cozinha industrial do Terminal TGG. Ela informou que haverá uma reunião para oficializar sua posse como presidente da Sociedade de Melhoramentos do Bairro.

Na segunda ocasião, no dia 27 de julho, foi feita visita à Unidade Municipal de Educação Rural de Monte Cabrão, para o agendamento da oficina. Ficou acordado com a direção da escola o dia 28 de agosto para a realização de oficina com lideranças comunitárias, que se constitui em uma das fases do diagnóstico nesta comunidade. Posteriormente, a escola solicitou mudança desta data, em virtude do desfile cívico marcado pela Administração Regional da Área Continental de Santos para esta data. A oficina foi realizada no dia 25 de setembro de 2010, sendo relatada posteriormente neste relatório.

Nas duas ocasiões, nos dias 16 e 27 de julho de 2010, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com a chefe da Capatazia de Pesca de Monte Cabrão (Colônia Z1), Sra. Lília Britez Vasquez da Silva e com o Sr. Carlos Alberto Pereira da Silva, que também presta serviços junto a esta Capatazia e representa também a Associação Comunitária de Monte Cabrão (ACMC). A Figura 21.3.2.2-30 mostra os dois entrevistados, o pescador Marcos e Everton, filho do Sr. Carlos, além dos membros da equipe do programa. Segundo informação dos entrevistados, a ACMC trouxe conquistas para comunidade, por exemplos, a instalação de um posto dos Correios e o asfalto da Rua Principal. As informações levantadas nestas entrevistas com o Sr. Carlos e a Sra. Lília estão descritas a seguir.

Em termos de educação básica, a pequena escola pública rural da comunidade oferece até a oitava série do ensino fundamental. Aqueles que desejam fazer o ensino médio ou algum outro curso precisam procurar vagas na porção Insular do município de Santos ou no município de Guarujá. Dentre os pescadores, ainda existe certo grau de analfabetismo, o que impede que estas pessoas acertem sua documentação marítima. Foi destacada a necessidade da implementação de Ensino Médio na comunidade.

Na capatazia de Monte Cabrão são oferecidos diversos cursos profissionalizantes, como por exemplo, curso de auxiliar de marinho e de Pescador Profissional. Os cursos acontecem em parceria com o SENAI. São cursos gratuitos, que contam com transporte e alimentação. Infelizmente, foi apontado que a maioria dos moradores de Monte Cabrão não se interessa pelos cursos. Alguns anos atrás, a prefeitura ofereceu curso de computação, e não

houve procura, assim como também para o curso de pedreiro. Com estas atitudes de desinteresse, segundo os entrevistados, a comunidade vem perdendo várias oportunidades. Os mesmos cursos são oferecidos também para as comunidades de Conceiçãozinha, Santa Cruz dos Navegantes, Perequê e Ilha Diana.



Figura 21.3.2.2-30. Equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) e membros da Capatazia de Pesca de Monte Cabrão. Autor: Fernando R. Nastasi

Além disto, existe a oferta de cursos voltados para atividades marítimas, patrocinados por instituições como o SENAI e a Petrobrás. Entretanto, para fazer estes cursos os candidatos devem se deslocar para outras cidades da região e mais uma vez acontece o desinteresse ou a dificuldade para esses deslocamentos. Ainda segundo os entrevistados, até 2009, a empresa Embraport proporcionava cursos de culinária e artesanato para as mulheres dentro da comunidade, mas após a mudança das aulas para Vicente de Carvalho, a comunidade local ficou desmotivada. A Usiminas também foi apontada como parceira na realização de cursos.

Em relação à pesca, de acordo com o Sr. Carlos, há aproximadamente 86 (oitenta e seis) pescadores na área continental de Santos em situação regular, ou seja, com a documentação atualizada, e mais de cem em situação irregular. Em Monte Cabrão, a grande maioria da população pesca para consumo próprio e apenas quatro pessoas da comunidade vivem exclusivamente da venda de peixes. O comércio de pescados mais abundante é o de caranguejos e o de

camarões para isca. A produção deste crustáceo é vendida nas rodovias adjacentes à comunidade e o camarão para isca é vendido aos praticantes de pesca esportiva, em sua maioria de São Paulo (capital), que vem pescar na região nos fins de semana e feriados.

Foi ressaltado que o termo “pescador artesanal” é empregado para designar apenas os pescadores nativos da região. Aqueles que chegam aos finais de semana e temporada para pescar em lanchas e barcos próprios, não são considerados pescadores artesanais. Em relação a outras ocupações profissionais, foi apontado pelo Sr. Carlos que muitas pessoas da comunidade trabalham em cidades como Santos, Bertioga e Guarujá. Alguns ocupam postos de trabalho na Ecovias, na Embraport, na construção de novos cais no porto de Santos e pedreiras próximas à localidade. Já os postos de trabalho nos equipamentos públicos de Monte Cabrão em geral são ocupados por moradores de fora da comunidade, como por exemplo, de Bertioga, Santos e Guarujá.

Em relação à coleta de caranguejo, atividade econômica significativa para a comunidade, os entrevistados relataram que Monte Cabrão, Vale do Quilombo, Ilha Diana e a região continental de São Vicente são algumas das poucas áreas que ainda contém caranguejos de boa qualidade. Isto tem atraído muitas pessoas de fora. Por exemplo, muitas pessoas do Rio de Janeiro vêm à região para coletar os animais e a venda é feita na cidade de origem, onde o preço deste pescado é muito elevado. O grande problema é que estes pescadores de fora utilizam técnicas predatórias para captura dos caranguejos. Uma delas, segundo relatos dos entrevistados, é a “redinha”, técnica que consiste em fixar uma pequena rede na abertura da toca do animal; quando este sobe para a superfície, fica preso nas redinhas e é coletado pelos pescadores. Porém, se a maré subir antes da coleta, todos os animais tendem a morrer enroscados nas redes; o que causa um grande prejuízo ecológico e econômico.

Segundo os entrevistados, projetos de controle de pesca e venda de caranguejos precisam ser aplicados na região. Uma das idéias da comunidade seria a implantação de uma “Fazenda de Caranguejos”, onde ocorreria a criação destes animais. Assim, seriam comercializados apenas os machos, deixando as

fêmeas no mangue como estoque para reprodução. O projeto já foi apresentado para diversas empresas, mas nenhuma demonstrou interesse em implementá-lo.

Outra questão relatada pelos entrevistados diz respeito aos períodos de defeso de camarões e caranguejos. Segundo eles, os pescadores entendem que estes períodos precisam ser reavaliados, pois não estão compatíveis com a fase de reprodução e crescimento destes animais. Quando do questionamento pela equipe sobre os métodos ilegais de pesca, foi apontada pelo Sr. Carlos, a necessidade de melhores condições para o pescador sobreviver em épocas em que não se pode pescar (defeso), caso contrário, haverá pesca ilegal ou predatória que garanta a sobrevivência destas comunidades.

Em relação à obra de dragagem de aprofundamento do canal do porto de Santos, constatou-se a preocupação desta capatazia, órgão de representação dos pescadores, sobre as consequências do empreendimento em vários aspectos para pesca.

Neste diálogo estabelecido entre a equipe do programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) e essas lideranças entrevistadas, foram apontadas algumas possibilidades de ações de desenvolvimento local, tais como produção de artesanato com fibras e palhas de bananeira, matéria prima abundante na região e a implantação da fazenda de caranguejos.

Foram feitas mais duas atividades de campo, em 26 e 28 de agosto de 2010. Estas tiveram como objetivos: visitar a escola rural para acertar detalhes para o desenvolvimento da oficina agendada para o dia 25 de setembro de 2010, realizar nova entrevista com os dirigentes da capatazia de pesca e conhecer como vivem os catadores de caranguejo e suas famílias.

Na reunião com a escola rural, foram avaliados espaço, condições de projeção para uso de equipamento áudio visual, forma de distribuição dos convites para as lideranças e detalhes sobre o almoço de confraternização.

Em entrevista com os dirigentes da capatazia de pesca, estes relataram que a captura de caranguejo e camarão para isca viva, são atividades de pesca significativas para a economia da comunidade. Outros tipos de pescado são

capturados, mas para subsistência das famílias ou pela pesca esportiva por turistas nos fins de semana. As Figuras 21.3.2.2-31 e 32 mostram catadores e caranguejos capturados nos manguezais do Canal de Bertioga.



Figura 21.3.2.2-31. O catador de caranguejos Alex da Cruz, da região da comunidade de Monte Cabrão. Autor: Fernando R. Nastasi

Nestas datas foram entrevistados os seguintes pescadores ou familiares de pescadores, que vivem da coleta de caranguejos: Sr. Pereira (caseiro), e sua filha, Daiane Soares M. Pereira (estudante); Sr. Paulo Ribeiro (catador de caranguejo); as jovens Giane (dona de casa) e Fernanda (estudante); o jovem Flaviano Lima da Silva (funcionário da empresa Ecovias); Sra. Ladi Maria Ribeiro (comerciante de caranguejos); Sra. Simone Mesquita (dona de casa); Alex da Cruz e Ronaldo da Silva (catadores de caranguejo). As Figuras 21.3.2.2-33 a 37 mostram alguns destes entrevistados. Os relatos das entrevistas realizadas nestas duas datas estão detalhados no Anexo 21.8-4.



Figura 21.3.2.2-32. Caranguejos coletados no manguezal do Canal de Bertioga, na região de Monte Cabrão, nas mãos do catador Ronaldo da Silva. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-33. Daiane Soares M. Pereira, entrevistada pela equipe do Programa 21, em frente a sua casa, onde mora com a família, em Monte Cabrão. Autor: Ana M. Marins.



Figura 21.3.2.2-34. Entrevista com o Sr. Paulo Ribeiro, catador de caranguejos, em frente a sua moradia, localizada dentro do manguezal de Monte Cabrão. Autor: Rossana Virga.



Figura 21.3.2.2-35. Moradora de Monte Cabrão há mais de 20 anos, Simone Mesquita (à esquerda). Autor: Rossana H.P. Virga.



Figura 21.3.2.2-36. Filhos de catadores de caranguejo, moradores da Vila: Fernando, Gustavo, Giane e Fernanda. Autor: Rossana H.P.Virga.



Figura 21.3.2.2-37. Entrevista com Dona Ladi Maria Ribeiro, vendedora de caranguejos. Autor: Rossana H.P. Virga.

Todas estas pessoas entrevistadas, nesta área de Monte Cabrão, falam da tranquilidade e na segurança que é viver no local e que o maior problema que têm enfrentado é a falta de água encanada. Há cerca de um ano foi cortado o

fornecimento de água de parte dos moradores, bem como a coleta de lixo e a manutenção do caminho, que antes era feita periodicamente pela prefeitura. Por conta desta situação, os moradores já fizeram abaixo assinados e participaram de muitas reuniões com a prefeitura. Segundo os moradores, há ações junto ao Ministério Público para desocupação da área. Todos os entrevistados disseram não entender o porquê desta restrição, uma vez que moram ali há muitos anos e antes tinham estes serviços públicos, como têm os demais moradores de Monte Cabrão.

Os entrevistados, quando questionados sobre o fato relatado em entrevistas anteriores de que pescadores do Rio de Janeiro costumam vir para o mangue de Monte Cabrão para coletar caranguejos, depredando-o e competindo com os pescadores locais, afirmam que isto não é um problema. Segundo eles, é até o contrário: o pessoal do Rio de Janeiro ajuda na revenda dos animais, trazendo lucro para a comunidade. Citam também que algumas pessoas da região fluminense vêm para a baixada pelo desemprego que os afeta, e acabam se instalando nas comunidades pesqueiras para se dedicarem a diversas atividades relacionadas ao mar.

Ainda, segundo os entrevistados, percebe-se que eles têm consciência de que a pesca predatória é prejudicial para todos. Afirmam que não existe o problema de falta de caranguejos, pois capturam apenas os machos e que a melhor época para captura é em meados de novembro, período em que ocorre um fenômeno denominado “andada”. Neste fenômeno, os machos saem das tocas após a cópula, sendo facilmente encontrados e, como as fêmeas já foram fecundadas, não há prejuízos à reprodução da espécie.

As famílias que vivem da pesca do caranguejo, em sua maioria, concentram-se numa faixa de manguezal localizada entre o estuário e morro (Figuras 21.3.2.2-38 e 39), em área parcialmente aterrada pela própria ocupação sobre o manguezal (Figura 21.3.2.2-40 e 41). A Figura 21.3.2.2-42 mostra tocas de caranguejo no caminho entre as moradias, evidenciando o aterramento e a extrema proximidade entre moradias e o manguezal.



Figura 21.3.2.2-38. Vista aérea de Monte Cabrão. A flecha indica a vila onde se concentra a maioria dos catadores de caranguejo. Fonte: Google.



Figura 21.3.2.2-39. Detalhe da vila onde vivem os catadores de caranguejos de Monte Cabrão. Fonte: Google.



Figura 21.3.2.2-40. Caminho aterrado sobre o mangue (à esquerda) e as moradias (à direita) na vila onde vivem os catadores de caranguejos. Autor: Ana M. Marins.



Figura 21.3.2.2-41. Entrada da vila dos catadores de caranguejos, da comunidade de Monte Cabrão, onde vive a maioria das famílias que se dedicam à coleta de caranguejos. Autor: Rossana H. P. Virga.



Figura 21.3.2.2-42. Tocas de caranguejos, localizadas no caminho entre as moradias da vila, onde vivem os catadores de caranguejo de Monte Cabrão. Autor: Ana. M. Marins.

Nesta área vivem aproximadamente 25 famílias, algumas já há mais de 50 anos. O acesso mais fácil à área se faz por propriedade privada. Na Figura 21.3.2.2-43 é possível visualizar o caminho de acesso à vila onde vivem catadores de caranguejos. As Figuras 21.3.2.2-44 e 45 mostram a moradia do caseiro da referida propriedade e de seus familiares.



Figura 21.3.2.2-43. Caminho de acesso à vila onde moram os catadores de caranguejos de mangue de Monte Cabrão. Autor: Ana M. Marins.



Figura 21.3.2.2-44. Casa onde mora o caseiro Sr. Pereira com a família, situada em propriedade privada, em Monte Cabrão, por onde se tem acesso à vila dos catadores de caranguejo. Autor: Ana M. Marins



Figura 21.3.2.2-45. Isabela e Juliana brincando. Elas cursam o 4º ano na Unidade Municipal Rural de Educação de Monte Cabrão. Autor: Ana. M. Marins

➤ Oficina:

Como início da Fase 3 do diagnóstico para esta comunidade, foi realizada oficina em 25 de setembro de 2010 (sábado), na Unidade Municipal de Educação Rural de Monte Cabrão.

O convite para participar da oficina, foi feito pessoalmente a cada liderança identificada e moradores entrevistados ao longo dos trabalhos de campo. Foram entregues convites nominais impressos a cada um deles. A entrega em mãos tem a finalidade de esclarecer os objetivos e a importância da oficina, e também, funcionar como estratégia de reforço para o comparecimento dos convidados.

O Modelo do convite, elaborado, com orientação da equipe do Programa 19 – *Comunicação Social*, e seu layout foi submetido à aprovação da Codesp, antes de ser impresso. O convite utilizado na comunidade de Monte Cabrão está apresentado no Anexo 21.8-5. Foram convidadas 30 lideranças e compareceram 16, cuja lista de presença está apresentada no Anexo 21.8-6.

Dentre os possíveis motivos para esta ausência, segundo os que compareceram, foi a falta de motivação, pois a maioria das reuniões não resulta em ações concretas. Além disto, aos finais de semana, os donos de bares,

restaurantes e da pousada recebem turistas e precisam estar presentes nos respectivos estabelecimentos para atendê-los. Alguns dos presentes declararam que há entre os moradores o costume de reclamar, mas não de agir, quando se tem uma oportunidade de falar. Apesar disto, as lideranças que compareceram foram representativas desta comunidade, portanto, o trabalho foi realizado sem prejuízo para o seu significado.

As atividades foram realizadas na área da unidade escolar, destinada ao ensino infantil. Esta área é aberta dos lados, porém coberta. O mobiliário (mesas e cadeiras) foi disposto de modo a adequar-se às necessidades da natureza participativa da oficina. Foi solicitado a todos os presentes que sentassem em círculo.

Atendendo solicitação da direção da escola, antes do início da oficina foi incluída uma apresentação das ações do projeto pedagógico da escola UME Rural Monte Cabrão. Esta apresentação foi feita pela Diretora da escola, Sra. Rosemary Oliveira B. Francisco (Figura 21.3.2.2-46).

Em seguida, teve início a oficina planejada, com a apresentação da equipe mediadora e dos objetivos do trabalho. Foi feita apresentação do escopo do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21), sendo este contextualizado dentre os demais Programas do Monitoramento Ambiental da Obra de Dragagem de Aprofundamento (Figura 21.3.2.2-47).

A seguir, foi feita apresentação da localização geográfica de Monte Cabrão por meio de fotos aéreas (Google Earth), situando o bairro em relação às rodovias de acesso (Piaçaguera e Rio Santos), em relação às comunidades vizinhas, o meio ambiente e mostrando aspectos desta comunidade com a localização de algumas moradias e edifícios públicos. Por fim, foi feita uma breve apresentação sobre a Obra de Dragagem de Aprofundamento e seus Programas de Monitoramento Ambiental.



Figura 21.3.2.2-46. Apresentação realizada pela Diretora da UME Rural Monte Cabrão, Sra. Rosemary Oliveira B. Francisco, durante a oficina realizada pelo Programa Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem, na comunidade de Monte Cabrão. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-47. Apresentação do Programa 21 - Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem, contextualizado dentre os demais programas do monitoramento ambiental da Obra de Dragagem de aprofundamento. Autor: Fernando R. Nastasi.

Após estas apresentações, foram iniciadas as dinâmicas planejadas para a oficina:

- Dinâmica de integração e aquecimento;
- Dinâmica de aquecimento específico;

- Representação física da localidade;
- Socialização das representações;
- Almoço;
- Apresentação das sistematizações dos resultados;
- Avaliação.

A oficina teve início com a aplicação da dinâmica de integração e aquecimento, que tem a finalidade de apresentar e integrar os participantes entre si e prepará-los para os trabalhos a seguir.. Após as orientações da mediadora, cada participante disse seu nome, uma coisa que gosta e uma que não gosta, necessariamente nesta ordem; o participante seguinte disse o nome do seu antecessor, o que ele gosta e o que ele não gosta e em seguida seu próprio nome, seguido do que gosta e do que não gosta. Este momento está registrado na Figura 21.3.2.2-48.

Seguiu-se o próximo passo, que foi a dinâmica de aquecimento específico, que introduziu o grupo no tema específico. Nesta dinâmica, os participantes foram orientados a formarem duplas, e tiveram 5 minutos para conversar e conhecer um pouco mais o seu parceiro da dupla. A seguir, cada um apresentou o seu par como se estivesse apresentando uma cidade ou localidade visitada, comparando as características que percebeu no parceiro com as de uma cidade. Os participantes foram muito receptivos à proposta e o resultado foi divertido e criativo. Também nesta etapa pode-se conhecer um pouco mais sobre estas lideranças e suas origens e sua história com Monte Cabirão. Ao final, foi questionado pela mediadora, como foi para o grupo participar desta dinâmica e todos se manifestaram contentes com a oportunidade de conhecer ou reencontrar pessoas relacionadas com a história comum. Por exemplo, a supervisora de ensino da escola, reconheceu entre as lideranças um jovem que teria sido seu aluno quando menino e se emocionou com as palavras usadas por ele para apresentá-la como cidade como propunha a dinâmica. Essas respostas são imprevisíveis, mudam de um grupo para outro, mas invariavelmente contribuem

para estabelecer empatia entre os participantes. A dinâmica de aquecimento específico está registrada nas Figuras 21.3.2.2-49 e 50.



Figura 21.3.2.2-48. Início da oficina onde foi aplicada dinâmica de aquecimento na qual os participantes se apresentam. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-49. Participantes durante dinâmica de aquecimento específico. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-50. Vista geral da área onde a oficina foi aplicada, mostrando os participantes durante a realização da dinâmica de aquecimento específico. Autor: Fernando R. Nastasi.

O próximo passo proposto ao grupo foi a representação física da localidade. Nesta etapa os participantes foram organizados em subgrupos e orientados a confeccionar uma maquete representando o local onde vivem. Para isto foi estipulado o tempo de 40 minutos, para que conversassem entre si, planejassem como representar a comunidade de Monte Cabrão, escolhessem os materiais disponibilizados e montassem sua maquete representativa do que realmente existe na localidade ou de seus sonhos e desejos. Foram disponibilizados materiais como: sucatas, papel Kraft, cola, cartolinas, barbante, tesoura, tintas, etc. O registro dos participantes trabalhando nesta etapa da oficina está apresentado nas Figuras 21.4.2-51 e 52.



Figura 21.3.2.2-51. Um dos grupos recolhendo material disponibilizado para a etapa de elaboração das representações onde cada grupo mostra com auxílio de sucata como vê a sua comunidade. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-52. Grupo de participantes elaborando representação da comunidade com o material disponibilizado pela equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Autor: Fernando R. Nastasi.

Ao finalizar essa etapa de construção das maquetes, os participantes foram convidados para o almoço preparado pela equipe da escola (Figura 21.3.2.2-53). Após o almoço retornou-se aos trabalhos, sendo proposto que cada grupo socializasse as representações com os demais, apresentando oralmente o significado de suas representações. Os outros grupos fizeram perguntas e observações, enquanto a mediadora anotava em painel de papel *Kraft*, afixado na parede, as propostas, desafios, sonhos, conquistas e potencialidades que iam se revelando nas apresentações. Esses registros foram sistematizados e apresentados pela mediadora para a complementação e referendo do grupo. Esta etapa esta ilustrada nas Figuras 21.3.2.2-54 e 55.



Figura 21.3.2.2-53. Momento de integração entre os participantes durante almoço oferecido pelo Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem PBA 21. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-54. Membro da equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) sistematizando e explicitando as explicações dos grupos sobre o significado de suas representações em maquete sobre o ambiente e a comunidade de Monte Cabrão. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-55. Plenária com a discussão dos dados levantados, complementação das informações levantadas e referendo do grupo. Autor: Fernando R. Nastasi

Os resultados registrados e sistematizados, a partir das falas dos participantes, revelam as diferentes visões da comunidade sobre sua realidade. Algumas representações recorrentes nas maquetes e nas palavras evidenciaram a forte presença da Igreja Católica, a segurança e o sossego que representa para eles morar em Monte Cabrão.

No olhar destas lideranças, Monte Cabrão poderia se tornar uma localidade turística, com a exploração do Canal de Bertioga, com a recuperação da marina já existente, adequando-a para pequenos barcos de pesca esportiva, com incentivo à gastronomia local e às outras atividades náuticas e de ecoturismo. Um potencial apontado foi o da exploração turística do potencial paisagístico propiciado pela presença dos manguezais e da Mata Atlântica.

Uma proposta apresentada foi inserir no calendário da cidade de Santos algumas festividades, a exemplo de outras comunidades, como a festa da tainha, do camarão, da carapeva, como forma de atração turística. Há uma lagoa na entrada do bairro, que segundo as lideranças presentes se formou após a construção da rodovia Rio Santos, mas que hoje é colonizada por peixes, que poderia se transformar num pesque pague.

Como sonhos e desejos a representação nas maquetes revelou: a instalação de um mirante no alto do Monte Cabrão, a construção de um portal de entrada

para o bairro e a construção de um centro cultural, para venda de artesanato, desenvolvimento de atividades culturais, educação ambiental, entre outras atividades.

Os desafios a serem superados para melhorar a qualidade de vida local estão relacionados com o déficit na infraestrutura local. Foram registrados problemas em relação ao saneamento básico, transporte, educação, assistência social e saúde.

Em relação ao saneamento básico, foi constatado que Monte Cabrão é atendida por serviços de água encanada e coleta de lixo três vezes por semana, com exceção da área denominada pelos moradores como “Final do Cabrão”, em que estes serviços são ausentes. Não há tratamento de esgoto em nenhuma parte da comunidade.

No setor de saúde, os moradores esperam a ampliação do atendimento na Unidade Básica de Saúde (UBS) para outras modalidades, como atendimento psicológico, fonoaudiológico, assim como a instalação de uma farmácia, pois hoje em dia, o local mais próximo que oferece alguns destes recursos é Vicente de Carvalho, no Município de Guarujá.

No que se refere ao transporte, foram apontados problemas que comprometem o acesso da comunidade, que por vezes encontra-se isolada por depender das rodovias como única alternativa. A rodovia Rio-Santos (BR – 101), em dias de trânsito intenso ou em caso de acidentes, tem deixado a comunidade isolada e, além disto, o serviço de transporte público é limitado, não atendendo as necessidades. Uma solução apresentada para a integração de Monte Cabrão às outras localidades de área continental e à porção insular de Santos foi o transporte hidroviário, por barco, que reduziria o percurso, de 1 hora ou mais, para 10 minutos.

Na área social, a comunidade sonha com a criação de uma creche, pois as mães que trabalham fora de Monte Cabrão necessitam de ajuda para cuidar de seus filhos durante sua ausência. A Educação em Monte Cabrão está contemplada na escola UME Rural Monte Cabrão para o ensino fundamental. A escola, além do núcleo de atividades educativas, representa um centro de

recreação, lazer e cultura para esta comunidade. Todas as festividades de datas comemorativas ocorrem na escola e a participação da comunidade é grande. Uma conquista que está para ser concretizada nos próximos meses é a cobertura da quadra da escola, pois a partir daí atividades poderão ser realizadas quer faça chuva ou sol.

Em relação às atividades econômicas em Monte Cabrão, destaca-se a pesca, com cerca de 100 famílias vivendo desta atividade, o que perfaz quase 50% da comunidade. O pescado mais comum é composto por peixes e crustáceos, sendo o caranguejo e o camarão vivo para isca, os únicos crustáceos a serem comercializados. Dentre os peixes capturados aqui, estão: espada, robalo, pescada, tainha, parati, carapeva e corvina. O comércio local está restrito a dois bares e uma bomboniére.

Por fim, lideranças e equipe técnica se manifestaram oralmente sobre o significado desta vivência. Ao final da reunião foi feito um convite a todos os participantes desta oficina para o encontro de representantes de todas as comunidades alvo, para apresentação do diagnóstico socioambiental, troca de experiências e confraternização, prevista para junho de 2011.

## **Ilha Diana**

### ➤ Dados secundários:

A imagem aérea da comunidade de Ilha Diana pode ser visualizada na Figura 21.3.2.2-56. A figura seguinte (Figura 21.3.2.2-57) mostra uma imagem panorâmica da Ilha Diana. A Ilha encontra-se estreitamente ligada à área continental do município e está a apenas 20 minutos da área urbana. De propriedade da União, localiza-se a 8 km do Porto e a 1,5 km de Vicente de Carvalho, Guarujá, na confluência do Rio Diana com o Canal de Bertioga e ainda ao lado do Rio Jurubatuba. Os bairros de Monte Cabrão e Caruara, na área continental, também estão próximos (Motta, 2000).

A Lei de uso e Ocupação do Solo na Área Continental (L.C. nº 359/ de 25 de novembro de 1999) inclui a Ilha Diana na Zona de Preservação com as metas de

proteger os ecossistemas, os recursos genéticos e as populações tradicionais. Esta lei diz ainda que o ambiente natural deve servir à pesquisa, educação, uso tecnológico e científico. Dentre os usos permitidos pela lei, ressaltamos as atividades educacionais e de turismo monitorado, o manejo auto-sustentado, a aquicultura e a maricultura e a manutenção de comunidades tradicionais.

A ocupação da Ilha remonta ao século XIX, quando comerciantes de banana, que era trazida de sítios no interior da região, usavam o local em curtas permanências. Além disto, criavam porcos, o que explica a antiga denominação de Sítio dos Porcos (Motta, 2000).



Figura 21.3.2.2-56. Foto aérea da comunidade de Ilha Diana. Fonte: Google.



Figura 21.3.2.2-57. Panorama da comunidade de Ilha Diana. Autor: Fernando R. Nastasi.

➤ Dados de campo:

Segundo dados da Prefeitura de Santos (Santos, 2003), hoje, grande parte dos habitantes desta comunidade é descendente de cinco antigas famílias de pescadores que ali se estabeleceram após a construção da Base Aérea de Santos, na década de 40. O nome Diana deve-se à deusa romana da caça, que habitava os bosques. Uma data importante no local é a festa do Senhor Bom Jesus de Ilha Diana, que acontece no dia 6 de agosto, com música e comidas típicas.

A comunidade de Ilha Diana, pequena ilha fluvial no estuário, persiste como um dos poucos núcleos de pescadores de toda Baixada Santista, onde a dificuldade de acesso permitiu a sobrevivência das atividades pesqueiras artesanais até o momento com pouca influência externa. O último censo realizado no povoado no ano de 2003 levantou uma população relativamente estável constituída de sessenta e cinco (65) famílias e aproximadamente duzentos e cinco (205) habitantes.

Cerca de metade das famílias têm seus chefes trabalhando na pesca como parte da sua subsistência paralelamente à outra atividade, como pequenos comércios (bares) e pequeno viveiro para a manutenção do camarão vivo, comercializado principalmente nos finais de semana, para os turistas de pesca náutica. Alguns se dedicam a atividades na área de serviços, nas imediações. Vários moradores trabalham em Vicente de Carvalho e Santos em diversas atividades (Motta, 2000).

No período, foi dada continuidade à coleta de dados em campo para construção do diagnóstico Socioambiental da comunidade de Ilha Diana. Foram realizadas quatro visitas, em 12 de outubro e 01, 16 e 22 de novembro de 2010.

Na visita à comunidade de Ilha Diana, feita em 12 de outubro de 2010, foram contatadas lideranças já mapeadas e dado prosseguimento aos preparativos da oficina. Durante encontro com o Sr. Vanderlei Gomes e com a Sra. Ângela, foram dados encaminhamentos para a organização e definição da melhor data e horário para realização da oficina na comunidade de Ilha Diana. A oficina ficou agendada para 22 de novembro de 2010. Na ocasião, foi feito

registro fotográfico de alguns pontos do local, relativos a observações diretas feitas pela equipe.

A primeira observação feita nesta visita foi referente às habitações, que consistem em sua grande maioria de chalés elaborados em madeira, sempre um pouco acima do nível do solo, típicos das comunidades caiçaras da região, restando poucos destes na área insular da cidade de Santos e em outras comunidades de pescadores artesanais, o que, de certa forma, conserva um tipo de arquitetura tradicional, não sendo observada a favelização nesta comunidade. Uma destas construções apresenta-se na Figura 21.3.2.2-58. Ainda em relação às moradias, foi observado o aproveitamento de resíduos, como garrafas *pet*, para algumas construções, como por exemplo, a cerca ilustrada na Figura 21.3.2.2-59.

Como observação direta, foi constatada certa deterioração das pequenas praças que existem na ilha com suas mesas, bancos e jardins, como demonstrado na Figura 21.3.2.2-60. As Figuras 21.3.2.2-61 e 62 mostram respectivamente, o píer de atracação das lanchas que fazem o transporte para a comunidade e a via principal do povoado.

A infraestrutura básica é constituída pelo Centro Comunitário, Posto de Saúde, Escola Municipal de Ensino Fundamental, uma pequena capela e um telefone comunitário. Um ponto positivo observado é a limpeza da comunidade, pois não se encontra nenhum tipo de resíduo disposto de forma inadequada por toda a Ilha, o que mostra a organização e a preocupação desta pequena comunidade de pescadores artesanais com a qualidade ambiental.



Figura 21.3.2.2-58. Habitação típica da cultura Caiçara em Ilha Diana, com barco de pesca. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-59. Casa típica e muro feito com garrafas *pet*. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-60. Um das pequenas praças da ilha, podendo-se notar a falta de conservação. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-61. Atracadouro das lanchas que fazem a ligação da comunidade de Ilha Diana com a cidade de Santos. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-62. Via principal da comunidade de Ilha Diana. Autor: Ana M. Marins.

Foi feito ainda novo contato com o Sr. Evaldo Domingos de Lima (Cabedelo), líder comunitário e sua esposa Sra. Sílvia de Lima. Nesta ocasião, os mesmos apresentaram a equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem à Sra. Shila, moradora antiga do local. Durante este momento, foi feita menção à outra moradora: Sra. Ângela, considerada ativa frente às questões inerentes à comunidade.

Ocorreu uma conversa entre a equipe, o Senhor Evaldo e as Sras. Sílvia e Shila e foram levantadas mais informações sobre os problemas enfrentados pela comunidade, de forma a complementar as informações recolhidas na primeira visita, realizada em 12 de maio de 2010.

Segundo estes moradores, a comunidade enfrenta, além do problema com o fornecimento de energia elétrica relatado anteriormente (Primeiro Relatório Consolidado, Fundespa, 2010) , outro problema referente à falta de comunicação, já que os únicos dois telefones públicos da comunidade não funcionam há mais de um ano, sendo a população obrigada a utilizar somente aparelhos móveis.

Em relação ao saneamento básico, a comunidade é abastecida de água da Sabesp, por duto submarino, porém, não há coleta ou tratamento de esgoto, sendo este lançado diretamente no estuário, o que gera preocupações para os

moradores, pois existe o temor da poluição estar afetando seus viveiros de camarão para isca, que ficam em frente à comunidade. A coleta de lixo ocorre por meio de lanchas, mas sua capacidade é limitada; isto dificulta a retirada dos resíduos domésticos da comunidade.

Outra questão apontada refere-se às opções de lazer, já que na comunidade as únicas opções para os jovens e adultos são o clube de futebol (Figuras 21.3.2.2-63 e 64) e os bares com opções de jogos como sinuca. Os moradores reclamam da falta de opção principalmente para as crianças. Na ocasião foram observadas algumas crianças brincando nas águas do estuário, em frente à comunidade (Figura 21.3.2.2-65). Neste sentido, foi dado como exemplo o parquinho, que foi retirado pela prefeitura pelo seu alto grau de deterioração e que não foi repostado até o momento.



Figura 21.3.2.2-63. Clube de futebol de Ilha Diana, uma das poucas opções de lazer no local, utilizado principalmente aos domingos. Autos: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-64. Campo do clube de futebol. Autor: Fernando R. Nastasi.



Figura 21.3.2.2-65. Crianças brincam nas águas do estuário, em frente a um dos bares da comunidade de Ilha Diana. Autor: Fernando R. Nastasi.

Como sonhos da comunidade, além da resolução dos problemas citados, existem como propostas a construção de um restaurante comunitário, que atue como fonte renda para a comunidade, com capacidade para receber turistas e também um píer de pesca. Ambos são considerados equipamentos que podem contribuir para o desenvolvimento do turismo no local, em adição à pesca esportiva no estuário e ao redor da ilha.

Na ocasião, ficou combinado com a Sra. Sílvia, que a mesma, bem como a Sra. Ângela irão auxiliar a equipe do Programa de Conscientização Ambiental da

População Envolvida na Obra de Dragagem na divulgação e realização da oficina agendada para dia 22 de novembro de 2010. Elas irão acompanhar a equipe durante a localização dos participantes na comunidade, para entrega dos convites em mãos.

Posteriormente, foi realizada outra visita a comunidade, em 01 de novembro de 2010. A equipe foi recebida e acompanhada durante a visita, pela Sra. Ângela, que representa uma liderança na comunidade (Figura 21.3.2.2-66). Isto foi de extrema importância, já que a população residente apresenta certa rejeição com relação a projetos, pesquisas e outros tipos de atividades que registrem o modo de vida da comunidade, pois alegam que muitos estudos são feitos sem que haja nenhum retorno para própria comunidade.



Figura 21.3.2.2-66. Entrevista com liderança local de Ilha Diana, Sra. Ângela, que deu apoio à equipe, na aproximação com a comunidade. Autor: Fernando R. Nastasi.

Em entrevista semi estruturada, realizada na visita de 16 de novembro de 2010, com o Vice Presidente da Associação de Moradores, Sr. Vanderlei Gomes, marinho da travessia de barcas entre Santos e Vicente de Carvalho e sua esposa, Sra. Elisa Gomes, foram recolhidas informações sobre as atividades econômicas exercidas pela comunidade e a situação atual da pesca. O Sr. Vanderlei Gomes, também é o proprietário das lanchas que fazem o transporte entre Santos e Ilha Diana, Bom Jesus Marítima (Figura 21.3.2.2-67).



Figura 21.3.2.2-67. Lanchas da empresa de navegação Bom Jesus Marítima e barcos com redes de pesca, em Ilha Diana. Autor: Fernando R. Nastasi.

Segundo o mesmo, com a exceção dos chefes de família que trabalham nas lanchas da empresa de navegação Bom Jesus e de 7 ou 8 trabalhadores da obra da Embraport a maioria das 65 famílias da comunidade ainda vive da pesca. Em relação a esta atividade, existem de 20 a 30 coletores de caranguejo e marisco. A coleta de marisco é feita em diferentes áreas ao redor da comunidade. Segundo o entrevistado é feito o manejo destas áreas, pela própria comunidade, respeitando-se o tempo de reprodução destas espécies, em cada uma destas áreas. A produção, tanto dos moluscos como de crustáceos é vendida na Bacia do Macuco, em Santos.

Existe uma grande preocupação, por parte da comunidade, em relação à diminuição da pesca e a falta de alternativas a esta atividade, já que os projetos para capacitação, por meio de cursos oferecidos para a comunidade ainda não se concretizaram. Como exemplo, foi citada a área de produção de camarão branco, uma das mais ricas áreas de pesca que servia a comunidade, onde hoje é a área de aterro para construção do terminal da Embraport. Outro exemplo deste problema é, segundo eles, a diminuição na produção do camarão para isca.

Como sonhos da comunidade, que abriga aproximadamente 50 crianças de 0 a 15 anos, foram destacados:

- A necessidade de implantação na escola dos programas Escola Total e Escola da Família na Unidade Municipal de Educação Rural de Ilha Diana como alternativa para atividades para estas crianças, fora o período letivo;
- *Internet*, que é limitada no local pela falta de pontos de telefone fixo;
- Uma quadra poli esportiva;
- Um *play ground*, que foi deteriorado e retirado pela prefeitura, sem a sua reposição;
- Píer de Pesca e um restaurante comunitário.

Outra entrevista de grande valor histórico para o diagnóstico da comunidade foi com a Sra. Antônia Bitencourt de Souza, de 93 anos, pescadora, que está na Ilha Diana desde 1936. A Sra. Antônia, juntamente com outros moradores, foi transferida de uma área denominada Saco do Imbira para a ilha, durante a construção da Base Aérea de Santos, onde trabalhou por muitos anos, e que na época deu toda estrutura para a mudança, inclusive na construção das casas. Foi declarado pela mesma, que domina as técnicas de pesca artesanal, que ela gosta de viver em Ilha Diana devido ao sossego encontrado lá (Figura 21.3.2.2-68). Até os dias de hoje a Base Aérea dá apoio para a comunidade em vários aspectos, como por exemplo, com sua escola, que é frequentada pelos jovens da ilha.



Figura 21.3.2.2-68. Entrevista semiestruturada com a Sra. Antônia Bitencourt de Souza, de 93 anos, pescadora, moradora mais antiga do povoado, desde 1936. Autor: Fernando R. Nastasi.

➤ Oficina:

Foi realizada a oficina “Ambiente e Cidadania” em 22 de novembro de 2010, na Associação de Moradores de Ilha Diana, que consistiu na fase 3 da construção do Diagnostico Socioambiental Participativo desta comunidade. A oficina contou com a presença de 11 pessoas, o que representa 75% das lideranças convidadas. A lista de presença está apresentada no Anexo 21.8-7.

Primeiramente, foi feita a apresentação da equipe e dos objetivos do Programa 21. Em seguida foi realizada uma explanação sobre a obra de dragagem de aprofundamento do canal e seus programas de monitoramento ambiental (com uso de projeto de multimídia). Ainda neste primeiro momento, foi feita a localização geográfica da comunidade de Ilha Diana, a partir da projeção de fotos aéreas da região do estuário.

Os moradores manifestaram preocupação com os possíveis impactos causados pela dragagem principalmente no que se refere à atividade de pesca. Diante disto, foi reforçado pela equipe deste Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21), o trabalho que vem sendo realizado pelos demais programas de monitoramento, no intuito de elucidar possíveis dúvidas com relação ao monitoramento sócioambiental. Foi

destaque ao trabalho realizado pelo Programa 20 – Apoio às Comunidade de Pesca.

Outra percepção da equipe, a partir dos relatos dos participantes da oficina, refere-se a certa insatisfação dos moradores com relação aos vários projetos socioambientais e estudos que já foram realizados no local e que pouco retorno geraram para comunidade até o momento.

Após estas apresentações, foram iniciadas as dinâmicas planejadas para a oficina:

- Dinâmica de integração e aquecimento;
- Representação física da localidade;
- Socialização das representações;
- Apresentação das sistematizações dos resultados;
- Avaliação;
- Lanche de confraternização.

A oficina teve início com a aplicação da dinâmica de integração e aquecimento, que tem a finalidade de apresentar e integrar os participantes entre si e prepará-los para os trabalhos. Os participantes sentaram em círculo, como sugerido pela organização prévia do espaço. Após as orientações da mediadora, cada participante disse seu nome, há quantos anos vive em Ilha Diana, uma coisa que gosta e uma que não gosta, necessariamente nessa ordem. Este momento está registrado na Figura 21.3.2.2-69.



Figura 21.3.2.2-69. Início da oficina em Ilha Diana com aplicação de dinâmica de aquecimento na qual os participantes se apresentam. Autor: Fernando R. Nastasi.

O próximo passo proposto ao grupo foi uma representação física da localidade. Nesta etapa os participantes foram organizados em subgrupos e orientados para a confecção de uma maquete representando o local onde vivem. Para isto foi estipulado o tempo de 40 minutos, para que conversassem entre si, planejassem como representar a comunidade de Ilha Diana, escolhessem os materiais disponibilizados e montassem sua maquete representativa do que realmente existe na localidade ou de seus sonhos e desejos. Foram disponibilizados materiais como: sucatas, papel *Kraft*, cola, cartolinas, barbante, tesoura, tintas, argila para modelar, lantejoulas, entre outros materiais. O registro dos participantes trabalhando nesta etapa da oficina está apresentado nas Figuras 21.3.2.2-70 e 71.



Figura 21.3.2.2-70. Grupo de participantes elaborando representação da comunidade de Ilha Diana com o material disponibilizado pela equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Autor: Fernando R. Nastasi

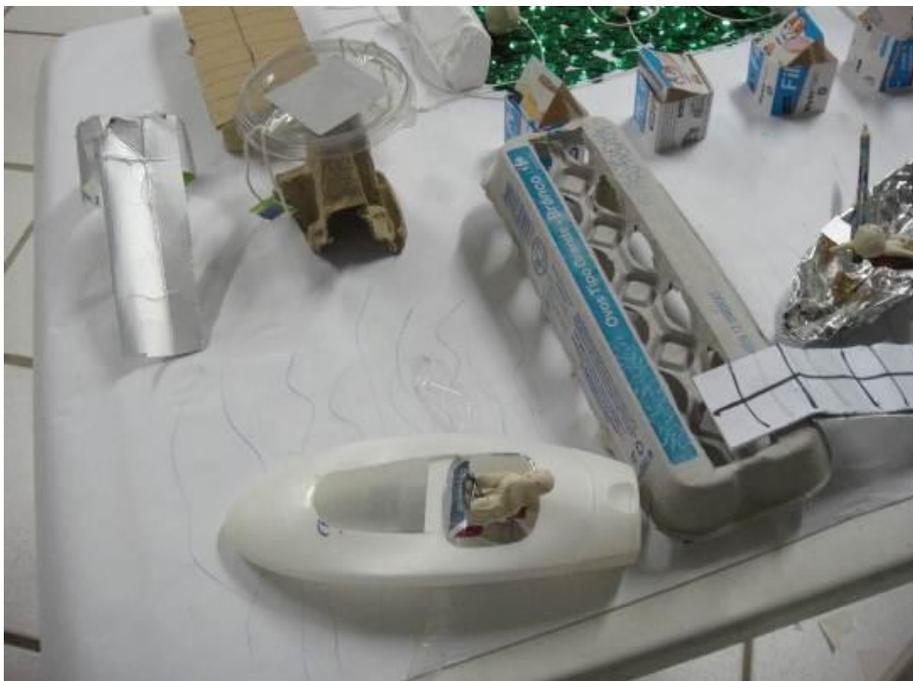


Figura 21.3.2.2-71. Uma das representações feita com os materiais disponibilizados pela equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21). Autor: Fernando R. Nastasi.

Ao término desta atividade, foi proposto que cada grupo socializasse as representações com os demais, apresentando oralmente o significado de suas representações. Os outros grupos fizeram perguntas e observações, enquanto a mediadora anotava em painel de papel *Kraft*, afixado na parede as propostas, desafios, sonhos, conquistas e potencialidades que iam se revelando nas apresentações. Esses registros foram sistematizados e apresentados pela mediadora para a complementação e referendo do grupo. Esta etapa esta ilustrada na Figura 21.3.2.2-72.



Figura 21.3.2.2-72. Membro da equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) (mediador da oficina) sistematizando e explicitando as explicações do grupo sobre o significado de suas representações em maquete sobre o ambiente e a comunidade de Ilha Diana. Autor: Fernando R. Nastasi.

Os resultados registrados e sistematizados, a partir das falas dos participantes, revelam as diferentes visões da comunidade sobre sua realidade. O

Rio Diana, as áreas verdes, os manguezais, a atividade de pesca, o interesse por esportes, os laços fraternos da comunidade, a importância da Igreja Católica, os barcos de turistas, as dificuldades com o fornecimento deficitário de energia, o aterramento feito pela empresa Emraport apareceram nas representações de todos os grupos.

Sonhos e desejos, também foram representados: uma sala de informática, quadra de esportes, piscina comunitária, reconstrução do parquinho que existia, treinamento e implantação da atividade de panificação como alternativa de renda. Na avaliação da comunidade, representada pelas lideranças presentes na oficina, há alguns desafios a serem superados para melhorar a qualidade de vida local. Os principais problemas registrados foram em relação ao saneamento básico e ao fornecimento de energia elétrica.

Em relação ao saneamento básico, foi constatado que Ilha Diana é atendida por serviços de água encanada desde 1985 e coleta de lixo três vezes por semana. Não há tratamento de esgoto em nenhuma parte da comunidade, sendo o seu lançamento feito direto no estuário.

Como também constatado nas entrevistas semiestruturadas, o fornecimento de energia se apresenta de forma precária, com quedas frequentes que comprometem a rotina dos moradores de maneira geral e inclusive o armazenamento de alimentos. Conforme relatos dos moradores, a comunidade tem recebido visitas para avaliação e medições da rede elétrica, como andamento de projeto para melhoria deste serviço para Ilha Diana.

Outra questão levantada pelos participantes diz respeito à falta de alternativas de trabalho além da pesca. Como possível solução foi sugerida, por alguns dos presentes, a ampliação das frentes de trabalho.

Dentre as conquistas apontadas, destacaram-se: a restauração da brinquedoteca, a cozinha comunitária e o espírito comunitário muito forte entre os moradores da ilha.

Ao final, foi feita uma avaliação, na qual os participantes relataram suas impressões sobre a oficina e sua importância. Dentre as declarações, destacou-se a importância da oficina como um canal de comunicação, para se levar

informações sobre os problemas da comunidade para a esfera pública, como uma esperança de serem vistos em suas necessidades.

### **21.3.2.3 Diálogos integradores**

#### **21.3.2.3.1 Reunião com gestores**

Tem sido realizadas reuniões mensais com os gestores Codesp e Fundespa para apresentação e discussão dos resultados parciais e troca de informações com os demais Programas que subsidiam a Obra de Dragagem do Porto de Santos.

Em 16 de junho de 2010 foi realizada reunião com a Codesp para revisão dos materiais confeccionados para a exposição das Visitas Monitoradas Temáticas. A revisão foi feita pela Superintendente de Segurança, Saúde e Meio Ambiente, Sra. Alexandra Sofia Grotta. Na ocasião, foi proposta pela mesma a mudança do nome da exposição até então denominada “O Porto e a Cidade” para “Dragagem de Aprofundamento num Porto Sustentável”. Além disto, foi feita uma breve exposição do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) para a nova Gerente de Meio Ambiente da Codesp, Sra. Márcia Jovito. Também ficou deliberada a produção de um folder com informações sobre as fases do porto abordadas na exposição temática.

Ainda no mesmo mês, foi realizada reunião com a Codesp, em 24 de junho de 2010. Na ocasião, foram apresentados os resultados obtidos pelo Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) no primeiro semestre de trabalho. Dentre os resultados, foi apresentado o material didático produzido para apoio às Visitas Monitoradas Temáticas. Na ocasião, foi levantada a questão das logomarcas que deverão ser ocultadas, devido à legislação eleitoral.

Em 01, 02 e 12 de julho de 2010 foram realizadas reuniões com a Codesp sobre a situação de conflito surgida na comunidade de Praia do Góes que resultou na inclusão desta localidade como público alvo.

Na reunião de 01 de julho de 2010, realizada no Centro de Treinamento da Codesp, participaram pela Codesp as Sras. Márcia Jovito e Célia Gouveia e o Sr. Carlos Belruss e por parte da Fundespa as Sras. Maria Silvia Sarti, Giuliana Felamingo de Oliveira, Kátia M. Gomes Machado, Maria Fernanda Britto Neves, Ana Maria. M. Marins, Rossana H. P. Virga, Maria. Bernardete C. de P. Sarmiento e os Srs. Marcelo Di Renzo e Lúcio Fagundes. Na ocasião, foi avaliada a situação da Praia do Góes e traçado um plano de ação integrado entre os programas de monitoramento ambiental da dragagem, no sentido de fornecer respostas à esta comunidade sobre os problemas de assoreamento observados no local. Nesta ocasião, ficou agendada para o dia 02 de julho de 2010 nova reunião com o Sr. José Alexandre, uma liderança da comunidade de Praia do Góes.

Em 02 de julho de 2010 foi realizada reunião na Diretoria da Codesp na qual participaram por esta Companhia, as Sras. Márcia Jovito e Célia Gouveia e o Sr. Carlos. Pela Fundespa, Ana Maria. M. Marins, Rossana H. P. Virga e Célia Regina Gouveia de Souza, Maria. Bernardete C. de P. Sarmiento e o Sr. Marcelo Di Renzo e o Sr. José Alexandre. Na ocasião, o Sr. José Alexandre relatou as seguintes informações sobre a Praia do Góes:

- Vivem entre 250 a 300 pessoas;
- Possui uma associação de moradores com sede própria;
- Água de nascente canalizada para as moradias;
- Sem tratamento de esgoto;
- Recolhimento de lixo três vezes por semana, por barco, encaminhado para destinação em Santa Cruz dos Navegantes;
- Há muitos conflitos na comunidade entre diferentes grupos de moradores;
- Não é uma comunidade unida;
- Não há comércio local, exceto os bares na beira da praia;
- Os moradores trabalham no Porto de Santos e no comércio do Guarujá;
- Não há escola ou qualquer outro equipamento público;
- A população usa os serviços de saúde, educação, comércio e lazer preferencialmente em Santos, por conta de o acesso ser mais fácil do que para o Guarujá, município do qual a comunidade faz parte.

Ainda relatado pelo Sr. José Alexandre, existe na comunidade em geral um sentimento de abandono pelo poder público.

Ficou deliberado nesta reunião que o Sr. José Alexandre faria contato com a associação de moradores para organização de uma reunião entre estes e as equipes dos programas de monitoramento ambiental. Este encontro teria a finalidade de criar um canal de comunicação com esta comunidade e diálogos esclarecedores com relação aos problemas de assoreamento, atribuídos pela comunidade à obra de dragagem.

Esta reunião foi realizada em 12 de julho de 2010, com a presença da Sra. Alexandra Sofia Grotta, Márcia Jovito e o Sr. Carlos Belruss pela Codesp. Pela Fundespa, participaram as Sras. Ana Maria. M. Marins, Maria. Bernardete C. de P. Sarmento, Cláudia Dardaques e o Sr. Lúcio Fagundes. Na ocasião, deu-se continuidade ao planejamento da ação conjunta entre os programas de monitoramento ambiental, na Praia do Góes e foi deliberado que a Codesp fará um contato com a Prefeitura de Guarujá, para apresentação das ações na praia.

Em 23 de agosto de 2010, a equipe do presente programa participou de reunião que contou com representantes de várias instituições. Estavam presentes representantes da Presidência da Codesp, Coordenador Geral da Fundespa e membros dos Programas de Monitoramento da Obra de Dragagem de Aprofundamento: Monitoramento Praial e Comunicação Social.

Neste mesmo dia, a equipe do presente programa participou de outra reunião, na qual a Presidência da Codesp, a Superintendência de Saúde, Segurança e Meio Ambiente e as equipes dos Programas de Monitoramento da Obra de Dragagem de Aprofundamento receberam os Secretários de Meio Ambiente das Cidades de Santos e de Guarujá e suas equipes técnicas para esclarecimentos sobre a Obra. Nesta reunião foram apresentados resultados do Programa de Monitoramento Praial, de forma a esclarecer que a erosão que vem sendo observada nos últimos meses na Ponta da Praia de Santos é fruto de um processo que começou bem antes do início da dragagem de aprofundamento do canal e foi desencadeada por fenômenos climáticos.

Em relação ao assoreamento observado na Praia do Góes, a geóloga responsável pelo Monitoramento Praial explicou que a dinâmica das praias varia em função de sua história ao longo dos anos e até ao longo de um único dia.

Esclareceu ainda que todas as estruturas rígidas construídas na linha da praia, como por exemplo, edificações e até atracadouros, alteram a dinâmica da praia e a consequência pode ser o assoreamento. Afirmou categoricamente que no caso do Góes, o assoreamento observado não é decorrente da dragagem de aprofundamento, tendo em vista que o assoreamento não é um tipo de impacto provocado por atividade de dragagem.

Em 04 de outubro de 2010, a equipe do presente programa participou novamente de reunião com os gestores, onde foram apresentados resultados parciais alcançados até o período para integração entre as equipes dos programas presentes.

#### **21.3.2.3.2 Reuniões com instituições e lideranças locais**

Em 29 de julho de 2010 foi realizado no Instituto de Pesca um encontro com apresentação de resultados preliminares e esclarecimentos, por membros dos Programas de Monitoramento da Área Dragada e da Área de Descarte, para lideranças da pesca da região. Na ocasião, contou-se com as presenças dos Presidentes das Colônias de Pesca Z1 (Sr. Tsuneo Okida) e Z3 (Sr. Edson dos Santos Cláudio). A equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) acompanhou o evento, atendendo solicitação da Codesp, para o auxílio na necessidade de esclarecimentos junto aos representantes da pesca.

#### **21.3.2.3.3 Reuniões de integração do presente Programa com os demais programas socioambientais.**

Reuniões entre este programa e os Programas “Conscientização da comunidade pesqueira e náutica sobre o manejo adequado de óleos lubrificantes e combustíveis usados nas embarcações – Projeto Manchas Órfãs” e “Comunicação Social”, são realizadas semanalmente. Estes encontros têm por finalidade a socialização das ações desenvolvidas em cada um dos programas socioambientais, a definição de agendas conjuntas e a integração dos três programas de monitoramento acima citados. No período, reuniões ocorreram em 05 de agosto, 09, 23 e 30 de setembro e nos dias 07 e 14 de outubro de 2010.

#### 21.3.2.4 Visitas Monitoradas Temáticas

- **Museu do Porto de Santos**

Dando continuidade ao processo preparatório para a realização das visitas monitoradas temáticas foram realizadas, neste período, quatro reuniões entre a equipe deste Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21), com a Gerência do Complexo Cultural do Porto, Sr. Antônio Carlos Mata Barreto e com a Gerência de Controle Ambiental, da Superintendência de Segurança, saúde e Meio Ambiente da Codesp, Sra. Márcia Jovito. Estas reuniões aconteceram em 05 de agosto, 2 de outubro e, 05 e 10 de novembro de 2010.

Na primeira reunião, realizada em 05 de agosto, o Sr. Mata Barreto colocou-se a disposição para colaborar com a proposta e solicitou o encaminhamento por e-mail das respostas às seguintes perguntas:

1. Qual o público alvo?
2. Qual o período?
3. Qual a duração de cada visita monitorada?

Foram encaminhados, pela equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21), os seguintes esclarecimentos:

- Público alvo previsto: os conselhos municipais de meio ambiente de Santos e Guarujá, o conselho gestor da APA do Litoral Centro e grupos de professores e de alunos de diferentes níveis de ensino;
- A programação está prevista para o tempo de duração dos programas ambientais que acompanham a obra de dragagem de aprofundamento do canal. O Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) teve início em janeiro de 2010, devendo finalizar em julho de 2011. Esta proposta das Visitas Monitoradas Temáticas poderá ter continuidade, caso o Museu do Porto tenha interesse. Quando os trabalhos relativos

ao presente Programa estiverem finalizados, o material expositivo para apoio pedagógico das visitas se tornará acervo da Codesp;

- Para a realização das visitas, adotou-se um roteiro em quatro momentos:
  - No primeiro momento, os participantes serão recepcionados num auditório ou sala de projeção para esclarecimentos sobre os objetivos desta vivência e instruções quanto ao comportamento esperado. Ainda neste momento preparatório o monitor responsável lançará ao grupo a pergunta: “O que é um Porto?”. Em seguida, ele organizará as manifestações dos participantes de modo a pontuar as respostas pertinentes. A seguir convidará os presentes para assistirem ao Vídeo da Codesp: “O que é um Porto?”;
  - O segundo momento consiste na visita ao museu, explorando as peças de seu acervo;
  - O terceiro momento será a visita à exposição temática “Dragagem de Aprofundamento num porto Sustentável”, explorando os painéis e peças interativas, especialmente desenvolvidas para facilitar a abordagem da história do Porto de Santos e sua relação com a cidade e região. Estes materiais possibilitam a compreensão da necessidade de adequação do porto às exigências dos tempos atuais, para assegurar sua viabilidade econômica essencial para o desenvolvimento da região e do país;
  - No quarto e último momento será realizada a avaliação da experiência pedagógica vivenciada, com a manifestação oral e registros em desenhos e / ou textos pelos participantes.

A partir desta reunião de 05 de agosto ficou deliberado que o Complexo Cultural do Porto abrigará esta ação pedagógica e que o Programa deveria aguardar a autorização da gerência do Complexo para iniciar a montagem da exposição temática “Dragagem de Aprofundamento num Porto sustentável” e a seguir dar início às visitas monitoradas.

Em função de acertos internos da Codesp para disponibilização do espaço do Complexo Cultural, os encaminhamentos foram retomados com reuniões em 29 de outubro e 05 e 10 de novembro de 2010. Destas, participaram representantes do Programa de *Conscientização Ambiental da População* Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21), a Gerente de Controle Ambiental da Superintendência de Saúde, Segurança e Meio Ambiente da Codesp, Sra. Márcia Jovito e o Gerente do Complexo Cultural do Porto, Sr. Mata Barreto.

Nestas reuniões, o Sr. Mata Barreto explicou as reformulações previstas para o Complexo Cultural e disponibilizou o espaço da pinacoteca para a montagem da exposição. A pinacoteca integra o Complexo Cultural, junto com o museu do porto e o centro de formação. Apresentou sua disposição para criar no espaço da pinacoteca um auditório que possa receber o grupo de visitantes, antes deles seguirem para a visita monitorada ao museu e à exposição temática.

Entretanto, como o espaço da pinacoteca está abrigando no momento o setor administrativo do Complexo Cultural, para viabilizar a montagem da exposição será necessário a desocupação deste local. O Sr. Mata Barreto acredita que o espaço da pinacoteca estará liberado para a montagem da exposição ainda no mês de novembro de 2010 e a equipe do Programa 22 aguarda por esta liberação.

Foi agendada para o dia 10 de novembro de 2010, uma visita do Sr. Sérgio Guimarães da empresa Traço Editorial, que produziu a exposição, ao espaço da pinacoteca para que, junto com o Sr. Mata Barreto, fossem definidas questões de ordem prática e de adaptação do material da exposição ao espaço disponibilizado. O Sr. Mata Barreto solicitou o envio de um texto de apresentação da exposição e o roteiro da visita. Na ocasião, estas informações foram enviadas ao Sr. Mata Barreto. O texto de apresentação da exposição está mostrado no Anexo 21.8-8 e o roteiro no Anexo 21.8-9.

Na reunião de trabalho de 10 de novembro de 2010 (Figura 21.3.2.4-1), foi produzido pelos Srs. Mata Barreto e Sergio Guimarães o croqui do espaço com a localização das peças que compõem esta exposição (Anexo 21.8-10).



Figura 21.3.2.4-1. Reunião com a Gerência do Complexo Cultural do Porto de Santos, realizada em 10 de novembro de 2010. Autor: Fernando R. Nastasi.

- **Acqua Mundo (Aquário de Guarujá)**

O Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) no seu plano de trabalho inicial previu Visitas Monitoradas no Museu de Pesca e no Aquário de Santos. Estes locais foram selecionados visando aproveitar a proximidade física do Aquário com o Museu de Pesca.

Com a mudança das visitas monitoradas para o Museu do Porto, foi proposta a substituição da ação no Aquário de Santos para uma ação equivalente no Acqua Mundo (Aquário de Guarujá). O objetivo de diversificar o público alvo será plenamente atendido, uma vez que o Acqua Mundo recebe escolas de todo o Brasil, para visitas monitoradas e estudos ligados ao ambiente aquático. Dispõe ainda de algumas modalidades de visitas para atender a diversidade de público, que compreende crianças das primeiras séries do ensino fundamental a alunos universitários de graduação e pós-graduação. Além do público de estudantes, o aquário atende a grupos de turistas do Brasil e exterior, incluindo passageiros de cruzeiros marítimos.

Como estratégia do Acqua Mundo, nos roteiros de visitas monitoradas que tratam dos ambientes representados nos diferentes recintos são agregados temas e acontecimentos da atualidade, como por exemplo, o recente derrame de óleo no Golfo do México. Assim, a equipe do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) estabeleceu contato com a direção do Acqua Mundo, que se mostrou disponível para agregar à estas visitas monitoradas o tema “Porto de Santos e a Dragagem de Aprofundamento”.

Para concretizar esta ação pedagógica foram programadas 15 visitas monitoradas temáticas sobre o Porto e a Dragagem, oferecidas para as escolas que visitam o Acqua Mundo. A monitoria específica sobre o tema será oferecida como complemento às visitas convencionais já realizadas no local. Esta oferta é feita no momento em que a escola procura o Aquário para agendamento. Nesta ação pedagógica atuará a equipe de monitores do Acqua Mundo com a orientação e supervisão da equipe técnica do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21).

Para a realização destas visitas foi desenvolvido um roteiro básico. A abordagem será adequada para atender a diversidade de público. Dependendo da idade e do interesse do grupo, poderá ser complementada com uma apresentação em *Power point* sobre a Obra de Dragagem. Esta apresentação foi avaliada e aprovada pela Codesp e foi apresentada no Primeiro Relatório Consolidado (Fundespa, 2010).

Roteiro básico:

- Projeção do vídeo “O que é um porto”;
- Sondagem sobre o conhecimento do grupo sobre o tema dragagem;
- Apresentação de *Power point*, sobre a Dragagem de Aprofundamento e seus programas de monitoramento Ambiental;
- Avaliação pelo grupo de visitantes sobre o tema abordado em forma de pequeno texto ou desenho.

A primeira visita ao Aquário do Guarujá, Acqua Mundo, foi realizada em 23 de novembro de 2010. Esta visita atendeu 26 alunos da segunda série do ensino

fundamental, da Escola Adventista de São Paulo, a faixa etária das crianças variou entre 7 e 8 anos. A lista de presença encontra-se no Anexo 21.8-11.

O Grupo foi recepcionado na área de recreação do aquário em que há uma réplica de caravela (Figura 21.3.2.4-2). A partir do significado das caravelas, no imaginário infantil, iniciou-se a abordagem sobre embarcações como meio de transporte para pessoas e cargas. Foi sondado o conhecimento do grupo sobre o que é um porto (Figuras 21.3.2.4-3 e 4). Na sequência foram convidados a assistir o vídeo “O que é um Porto?” (Figura 21.3.2.4-5). Este filme é um produto institucional da Codesp, disponibilizado no site da Companhia. O seu uso para as ações educativas do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem (PBA 21) foi permitido pela assessoria de comunicação da presidência da Codesp. O filme, em linguagem lúdica, estimulou o interesse e envolvimento do grupo para as explicações dos monitores sobre o Porto de Santos e sua adequação, para que as embarcações modernas possam aportar aqui e assim contribuir para o desenvolvimento da região e do País.

As crianças ouviram informações sobre portos, de maneira geral e, em seguida, foram indagadas quanto ao Porto de Santos, o que sabiam a respeito deste porto. As respostas foram aos poucos inseridas numa cartolina, fixada na parede do auditório. Outras perguntas foram feitas às crianças, sobre tipos de embarcações, conteúdo a ser embarcado, tamanho dos navios e como fariam para conseguir passar um navio grande num local raso. A resposta foi imediata: “tem que cavar”.

A partir daí, a equipe falou rapidamente sobre dragagem: o que significa a palavra dragagem e a necessidade da dragagem de aprofundamento do Porto de Santos; exibiu um *slide* mostrando uma embarcação com a largura e a profundidade do canal e em seguida outro *slide* mostrando duas embarcações, acompanhado da seguinte questão: “como vocês fariam para passar estes dois navios no canal?”. Outra resposta imediata por parte das crianças: “alarga e afunda”.

Pela participação e interesse do grupo e pelas respostas dadas pelas crianças, avaliou-se que a abordagem foi adequada para a compreensão de conceitos relacionados com a dragagem de aprofundamento.



Figura 21.3.2.4-2. Reprodução de caravela na área de recreação do Acqua Mundo. Autor: Rossana H.P. Virga



Figuras 21.3.2.4-3. Sondagem dos conhecimentos prévios das crianças, pelo monitor Leandro do Acqua Mundo, sobre os temas porto e dragagem. Autor: Rossana H.P. Virga



Figuras 21.3.2.4-4. Sondagem dos conhecimentos prévios e posterior ao vídeo sobre os temas porto e dragagem. Autor: Leandro



Figura 21.3.2.4-5: Alunos assistindo ao vídeo “O que é um porto?”. Autor: Rossana H.P. Virga.

#### **21.4. Considerações finais**

Em relação ao Diagnóstico Socioambiental Participativo, foram realizadas as ações previstas para Monte Cabrão e Ilha Diana, na área continental de Santos. Nestas comunidades, foi alcançado com sucesso o objetivo geral de identificar as potencialidades para ações de desenvolvimento local pelo olhar destas. Os resultados do Diagnóstico Socioambiental Participativo serão apresentados no encontro final, para o qual serão convidados representantes de todas as comunidades alvo do diagnóstico, e representantes do poder público municipal.

Quanto às Visitas Monitoradas Temáticas, considera-se relevante o envolvimento da atividade pelo Complexo Cultural do Porto, pois a exposição temática sobre a obra de dragagem de aprofundamento e seus programas ambientais ficará contextualizada com a memória e história do Porto de Santos.

A realização de visitas temáticas no Acqua Mundo, iniciadas em novembro de 2010, representa um ganho em relação à abrangência e diversificação do público alvo, no sentido de alcançar plenamente o outro objetivo geral do Programa que é o de contribuir para a compreensão da obra de dragagem de aprofundamento e seus programas ambientais.

## 21.5. Cronograma

ATIVIDADES	MÊS																	
	2010												2011					
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun
<b>Programa 21</b>																		
<b>Identificação de lideranças nas comunidades alvo</b>																		
<b>Diagnóstico Sócioambiental Participativo:</b>																		
Fase 1																		
Fase 2																		
Fase 3																		
Fase 4																		
<b>Encontro geral entre todas as comunidades envolvidas</b>																		
<b>Diálogos integradores</b>																		
<b>Visitas Monitoradas Temáticas:</b>																		
Construir parceria para realização das visitas																		
Preparar roteiro																		
Elaborar e montar a exposição temática																		
Preparar monitores																		
Divulgar e agendar																		
Realizar as visitas																		
<b>Elaboração de relatórios mensais e semestrais</b>																		

## 21.6. Referências Bibliográficas

- Brose, M (2005). Metodologia Participativa: uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial.
- Fundespa (2010). Relatório Técnico Semestral do Plano Básico Ambiental da Dragagem de Aprofundamento do Porto de Santos - RTS – 0618-140910.1447p.
- Guarujá (2010). Prefeitura Municipal. Disponível em: <http://www.guaruja.sp.gov.br/>. Acesso em: 16 de maio de 2010.
- Manzini, E. J. (1990/1) A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-58, 1990/1.- é a mesma referencia para os dois anos?
- Motta, M. G.(2000) Cultura, identidade e desenvolvimento – Um caminho para uma nova realidade. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos., 2000.
- Santos (1998). Prefeitura Municipal de. Lei Complementar nº 359 de 23/11/99, que disciplina o ordenamento do uso e da ocupação da Área Continental do Município e institui a APA- Área de Proteção Ambiental. 1998
- Santos (2003). Secretaria Municipal de Planejamento. Disponível em: <http://www.santos.sp.gov.br/nsantos/index.php/orgaos-e-entidades/secretarias/planejamento>. Acesso em: 12 de maio de 2010.
- Santos (2010). Prefeitura Municipal. Disponível em: <http://www.santos.sp.gov.br/educacao/AREACO1.HTM>. Acesso em: 01 de junho de 2010.
- Santos, V. F. S. & Figueira, Z. R.(2005) Diagnóstico Sócio-ambiental Participativo do setor Costeiro Estuarino do Estado do Amapá. Relatório técnico, 78p. GERCO-AP/IEPA, Macapá., 2005.
- Tulik, O (2004). Praia do Góes: a transformação de um núcleo de pescadores. Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer e Turismo (UNISANTOS), Novembro., 2004.

### **21.7. Equipe Técnica**

Dra. Kátia Maria Gomes Machado Bióloga  
Ms. Maria Fernanda Britto Neves Arquiteta  
Ms. Lélío Marcus Munhoz Kolhy Arquiteto  
Ana Maria Matheus Marins Bióloga  
Ms. Rossana Helena Pitta Virga Bióloga  
Ms. Fernando Rebello Nastasi Biólogo

### **21.8. Anexos**

- Anexo 21.8-1 Detalhamento da metodologia usada na construção do Diagnóstico Socioambiental Participativo.
- Anexo 21.8-2. Registro do conteúdo das entrevistas realizadas em 19 de agosto de 2010 na Praia do Góes.
- Anexo 21.8-3. Ofício entregue à Diretora das Escolas de Monte Cabrão e Ilha Diana.
- Anexo 21.8-4. Registro do conteúdo das entrevistas realizadas em 26 e 28 de agosto de 2010 em Monte Cabrão.
- Anexo 21.8-5. Convite para oficina realizada em Monte Cabrão.
- Anexo 21.8-6. Lista de presença da oficina realizada em Monte Cabrão.
- Anexo 21.8-7. Lista de presença da oficina realizada em Ilha Diana.
- Anexo 21.8-8. Texto de Apresentação da exposição temática “Dragagem de Aprofundamento num Porto Sustentável”.
- Anexo 21.8-9. Roteiro da visita monitorada “Dragagem de Aprofundamento num Porto Sustentável”.
- Anexo 21.8-10. Croqui do espaço com a localização das peças (em vermelho) que compõem a exposição temática “Dragagem de Aprofundamento num Porto Sustentável”.
- Anexo 21.8-11. Lista de presença da Visita Monitorada Temática realizada no Acqua Mundo (Aquário de Guarujá).

ANEXO 21.8-1. DETALHAMENTO DA METODOLOGIA USADA NA  
CONSTRUÇÃO DO DIAGNÓSTICO SOCIOAMBIENTAL PARTICIPATIVO

## **Detalhamento da metodologia usada na construção do Diagnóstico Socioambiental Participativo**

Para construção do Diagnóstico Socioambiental das comunidades alvo serão adotadas ferramentas participativas. As ferramentas participativas contribuem não apenas para a obtenção do envolvimento da população local, aumentando sua participação e capacidade de atuar em comunidade, como também propiciam o reconhecimento do saber popular na compreensão de seus problemas e soluções.

No presente trabalho serão adotadas ferramentas de metodologias participativas, na forma do Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP) conforme proposto por Susin *et. al* (2005) e Santos & Figueira (2004). A metodologia DRUP permite conhecer a realidade das comunidades alvo e ainda aprender sobre seus problemas e potencialidades pelo olhar das próprias.

A produção do Diagnóstico Socioambiental Participativo inclui diferentes ações que estão agrupadas em quatro fases distintas, cujas descrições estão apresentadas no Quadro 21.8.1-1. Para sua elaboração serão empregadas diferentes ferramentas, descritas no próximo item. Serão aplicadas entrevistas (semiestruturadas e estruturadas) que irão subsidiar outras ações, como por exemplo, a elaboração do perfil histórico e o planejamento das oficinas a serem feitas em cada comunidade. Por sua vez, cada oficina também contribuirá como fonte de informações para a produção do diagnóstico, possibilitando a complementação das informações obtidas a partir do levantamento da documentação pré-existente, da análise da situação local, além da identificação de conflitos socioambientais e das principais características físicas e socioeconômicas e dos principais problemas de cada comunidade.

### Quadro 21.8.1-1. Fases necessárias para a construção do Diagnóstico Socioambiental Participativo

<b>Fases</b>	<b>Descrição</b>	<b>Atores</b>
<b>Fase 1</b>	Estudos preliminares que consistem no levantamento e seleção de dados em documentos pré-existentes e em informações obtidas durante o trabalho de campo, por meio de entrevistas semiestruturadas com lideranças e moradores de cada comunidade.	Equipe técnica, lideranças e moradores
<b>Fase 2</b>	Análise preliminar das informações levantadas na Fase 1 (por exemplo: a identificação de problemas e conflitos a partir das informações empíricas de campo e o posterior confronto destes com os dados documentais). Compreende ainda a definição das dinâmicas a serem utilizadas nas oficinas da Fase 3, adequadas às características identificadas a partir da observação de cada comunidade durante a Fase 1.	Equipe técnica
<b>Fase 3</b>	Consiste na realização de oficinas para validação e complementação das informações obtidas nas fases anteriores junto às lideranças locais. É nesta fase que o uso das ferramentas do DRUP (Diagnóstico Rápido Urbano Participativo) permite que a comunidade, junto com a equipe técnica, troque experiências e identifiquem os problemas e potencialidades locais. Assim, aquela comunidade se faz geradora dos resultados do diagnóstico e corresponsável pela implementação de ações de desenvolvimento.	Equipe técnica, lideranças e moradores
<b>Fase 4</b>	Produção de documentação com a sistematização das informações coletadas nas fases anteriores e estruturação dos resultados como subsídio à elaboração de propostas de desenvolvimento local. Retorno destas informações às comunidades, na ocasião do Encontro Geral de todas as comunidades envolvidas.	Equipe técnica e lideranças

## Ferramentas do Diagnóstico Socioambiental

### Entrevistas semiestruturadas

Serão entrevistados em cada comunidade alvo: dirigentes de equipamentos públicos, líderes religiosos, líderes comunitários e moradores em geral, identificados ocasionalmente ou indicados pelas lideranças. Este tipo de

entrevista se caracteriza por abordagens informais, sem aplicação de questionário formatado em mãos. Isto tem por finalidade estabelecer, via diálogo, a confiança entre o entrevistado e o entrevistador, de forma a fazer emergir informações mais livres e respostas não condicionadas a uma padronização de alternativas (Manzini, 1990, 1991).

Apesar de caráter informal desta ferramenta, o entrevistador se prepara anteriormente por meio da elaboração de um roteiro pré-determinado, que funciona como um guia para condução destes diálogos. As entrevistas semiestruturadas têm como objetivo abordar os seguintes tópicos ou questões:

- Atividade econômica prioritária: Em que trabalham os moradores locais? Quais as oportunidades de trabalho e renda no local?
- Coleta e Destinação de Lixo: Há coleta de lixo normal? Há coleta seletiva ou qualquer outra coleta especial? Para onde vai o lixo doméstico? Existem catadores autônomos ou cooperativa de catadores no local?
- Alternativas de lazer e cultura: Que tipo de lazer usufrui? Há alguma manifestação da cultura local? Alguma festa tradicional? Alguma culinária local?
- Serviços públicos, na saúde, educação, assistência social: Como é o atendimento e disponibilidade destes serviços no local?
- Sonhos e conquistas: Qual a melhor coisa em se viver naquele local? Qual a pior? O que falta? Quais as conquistas desta comunidade?

### **Entrevistas estruturadas**

Poderão ser usadas eventualmente quando se fizer necessárias informações específicas sobre determinados aspectos. Esse tipo de entrevista segue um roteiro com questões predeterminadas, visando à obtenção de respostas mais objetivas.

### **Verificação de dados secundários**

Pesquisas em registros oficiais como: relatórios, planos diretores municipais, censos, pesquisas acadêmicas, fotos aéreas, mapas, etc. O uso de diferentes

fontes e meios de coleta de informações permite investigar outros aspectos da realidade local e a construção de uma visão integrada de suas diferentes características.

### **Observação Direta**

Contato com as condições de vida local, identificação de pontos de referência e de encontros e reuniões, tipos e concentração de comércio, identificação das potencialidades locais. Esta ferramenta pode ser utilizada tanto na fase 1 como na fase 3 do diagnóstico, constituindo-se numa das dinâmicas das oficinas em que os registros das observações são feitos sobre mapas da área.

### **Perfil histórico**

Registro escrito será produzido informalmente a partir das informações coletadas nas entrevistas semiestruturadas em adição às observações feitas pela equipe técnica no campo. O uso desta ferramenta possibilita compreender as limitações e identificar as potencialidades que servirão para o planejamento de futuras ações de desenvolvimento local. O registro visará o entendimento de aspectos da localidade relacionados com:

- Ocupação e uso do solo;
- Cobertura vegetal;
- Pontos de acúmulo de lixo;
- Intempéries, como ressacas, variações na amplitude de marés, entrada de frentes frias e outros aspectos climáticos que interferem na atividade pesqueira (exemplo: Monte Cabrão), no perfil físico do local e na linha da costa (exemplo: Praia do Góes);
- Conquistas da comunidade.

### **Oficinas com as lideranças locais**

As oficinas serão encontros com a comunidade planejados para atingir diferentes objetivos. Nelas, os envolvidos serão estimulados não apenas para a discussão dos problemas e das potencialidades, mas também para a proposição de alternativas de soluções condizentes com a realidade local. As oficinas também se constituirão como espaços pedagógicos, visando informar as

comunidades sobre a obra de dragagem do porto e seus programas de monitoramento ambiental, por meio de apresentações áudio visuais.

As oficinas serão constituídas por um conjunto de dinâmicas de grupo planejadas para contribuir para a implementação da Fase 3 do diagnóstico socioambiental de cada comunidade. A estruturação de cada oficina será flexível no sentido de atender especificidades de cada comunidade. Terão duração variável, de acordo com o seu objetivo e as necessidades de cada comunidade.

A oficina em Monte Cabrão marcada para 25 de setembro de 2010 terá o objetivo de captar a percepção das lideranças comunitárias sobre o local em que vivem e conhecer os desafios e potencialidades para seu desenvolvimento, pelo olhar da própria comunidade.

Foi feito o seguinte planejamento para a dinâmica desta oficina: primeiramente, uma breve apresentação do escopo do Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem de Aprofundamento do Porto de Santos; em seguida, um conjunto de dinâmicas de grupo, compreendendo:

- **Dinâmica de integração e aquecimento:** terá a finalidade de integrar os participantes, apresentar os objetivos desse encontro e propiciar a descontração e o aquecimento do grupo para os trabalhos que se seguirão. O Espaço estará previamente organizado de modo que os participantes sentem-se em círculo. A pessoa mediadora explicará que a dinâmica consiste na auto-apresentação de cada participante dizendo o próprio nome, uma coisa que gosta e uma que não gosta, necessariamente nesta ordem; o participante seguinte deve dizer o nome do seu antecessor, o que ele gosta e o que ele não gosta e, em seguida, seu próprio nome, seguido do que gosta e do que não gosta. Os demais devem seguir atentamente, podem corrigir os erros, e ajudar aqueles que têm dificuldade em lembrar a seqüência. Esta dinâmica propicia que se preste atenção uns nos outros e que se conheçam melhor. Ao final todos percebem que o desafio foi mais fácil de cumprir do que parecia inicialmente e sentem-se mais próximos e integrados entre si. A pessoa Mediadora pergunta ao grupo que habilidades ou

características usaram para participar desta dinâmica. Os participantes se manifestam falando: "Concentração, atenção, interesse, etc.." A pessoa mediadora explica que estas habilidades são aquelas que precisamos para desempenhar as funções do cotidiano. A pessoa mediadora nesse momento deve perceber se o grupo está integrado e aquecido para o próximo passo. Caso ela perceba que o grupo não está pronto, deve lançar mão de outra dinâmica, previamente planejada. Em geral isto não é necessário, mas em grupos resistentes pode acontecer de se fazer necessária outra dinâmica e, assim, deve-se estar preparado para esta eventualidade.

- **Dinâmica de aquecimento específico:** terá por finalidade preparar o grupo para o tema específico que será tratado a seguir. Nesta dinâmica os participantes são orientados a formar duplas, que têm 5 minutos para conversar e conhecer um pouco mais o seu parceiro da dupla. A seguir, cada um apresenta o seu par como se estivesse apresentando uma cidade ou localidade visitada, comparando as características que percebeu no parceiro com as de uma cidade. Por exemplo, uma pessoa jovem e extrovertida e alegre, seria apresentada como uma cidade jovem, receptiva, cheia de diversões.
- **Representação física da localidade:** Nesta etapa os participantes serão organizados em subgrupos e orientados para a confecção de uma maquete representando o local onde vivem. Para isto será estipulado o tempo de 40 minutos para que os componentes do grupo conversem entre si, planejem como vão fazer esta representação, escolham os materiais disponibilizados pela pessoa mediadora da ação pedagógica e montem sua representação. Os materiais apresentados serão: sucatas, papel Kraft, cola, cartolinas, barbante, tesoura, tintas, etc.
- **Socialização das representações:** Nesta etapa cada grupo apresenta oralmente para os demais o significado de suas representações. Os demais grupos podem fazer perguntas e a pessoa mediadora irá anotando em local visível todas as propostas, desafios e

potencialidades que serão reveladas pelas representações. Aquilo que não for verbalizado - mas que estará representado - poderá ser apontado pela pessoa mediadora, para que os envolvidos confirmem ou não esta percepção. Por exemplo, a representação da igreja em tamanho maior que a prefeitura pode ser revelador de que igreja é mais forte e atuante que o poder público local, ou que a religiosidade é uma característica forte naquela comunidade. A pessoa mediadora deverá, sem induzir resposta, apresentar ao grupo perguntas, cujas respostas irão confirmar ou não aquela percepção inicial.

- **Almoço:** Oferecer almoço no local da oficina tem o objetivo de consolidar os laços da equipe técnica com esta comunidade e ainda assegurar a presença dos participantes em todas as etapas da oficina.
- **Apresentação das sistematizações dos resultados:** deverá necessariamente ser feito em local visível a todos, como em uma lousa ou um *flip shart*. O registro das apresentações deverá ser compartilhado com todos para que observem e completem esse quadro que registrará a percepção que esta comunidade tem do seu ambiente, seus sonhos, suas conquistas, suas necessidades, os desafios e potencialidades de desenvolvimento da localidade.
- **Avaliação:** Os participantes, assim como a equipe técnica, manifestar-se-ão oralmente sobre o significado desta vivência.

O convite para participar da oficina será feito pessoalmente a cada liderança identificada e aos moradores entrevistados ao longo dos trabalhos de campo. Serão entregues convites nominais impressos a cada um deles. A entrega em mãos tem a finalidade de oportunizar esclarecimentos sobre os objetivos e a importância da oficina e, também, funcionar como estratégia de reforço para o comparecimento dos convidados ao evento.

O Modelo do convite foi elaborado com orientação da equipe do Programa de Comunicação Social e o seu *layout* foi submetido à aprovação da Codesp antes de ser impresso.

ANEXO 21.8-2. REGISTRO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS  
EM 19 DE AGOSTO DE 2010 NA PRAIA DO GÓES.

**Registro do conteúdo das entrevistas realizadas em 19 de agosto de 2010 na Praia do Góes.**

**Entrevistado:** Sr. Osmair Prestes Sales, morador há 30 anos da praia do Góes, relatou que no dia 14 de agosto de 2010, a ressaca cobriu com areia trazida do fundo do mar, toda a ponte de madeira que se estende do atracadouro até a vila. Os Moradores removeram a areia, para liberar o acesso e a estão ensacando para uso posterior em obras de cimentação.

**Entrevistado:** Sr. Jair Lopes de 64 anos, morador nascido na praia, contou que existem ossos de baleia enterrados por ali e que sua avó também nasceu e morreu no Góes. Contou que na semana anterior a esta entrevista, por conta da ressaca, ficaram cinco dias sem barco, ou seja, sem acesso para sair ou entrar na praia. Disse também que os moradores estão tentando se organizar para construírem por própria conta um atracadouro no canto da praia onde não está assoreado. Está sob sua responsabilidade a tarefa de fazer o orçamento de um píer moderno, cujo custo seria rateado entre os moradores. Falou da dificuldade de união entre os moradores e dos impedimentos legais de se fazer qualquer melhoria, mesmo se custeada pelos moradores. O Sr. Jair atribui o assoreamento observado na Praia do Góes, às obras de Dragagem. Segundo ele, não apenas à recente dragagem de aprofundamento, mas também, às dragagens de manutenção que já ocorrem há anos. Nas suas palavras: *“é só começar a dragar que ou come ou aterra”*.

**Entrevistado:** Sr. Alexandre Lopes de Oliveira, de 83 anos, contou que veio morar na praia do Góes quando se casou com Celina Ferreira Campos de Oliveira, de 84 anos, nascida na praia, com quem ainda está casado. Quando jovem trabalhou como ajudante de padeiro em Santos. Contou que há 20 anos, na Praia do Góes, pescava-se muita tainha e parati, hoje não mais.

**Entrevistados:** Sra. Selma e seu marido Sr. Lelis, moradores há 15 anos da Praia do Góes, ele é aposentado da COSIPA. Os dois moram na propriedade que foi dos avós da esposa. Selma, falou de sua relação afetiva com o lugar, onde passou parte da adolescência. Os mesmos falaram de sua preocupação com as questões fundiárias do local de do conseqüente receio de se fazer melhorias em

sua moradia. Quanto à questão da dificuldade de acesso ocasionada pelo assoreamento do local do píer de atracação, muitos acreditam que não adiantaria reconstruir o píer antigo, para eles a melhor solução para o problema de acesso nos dias de maré baixa ou ressaca, seria construir um píer na direção do meio da praça. Para eles outras mudanças observadas por eles na praia tem sido o aparecimento de conchas grandes e de conchas de mariscos que não existiam antes. Apontaram também a destruição do caminho de acesso por terra que liga a praia do Góes à Santa Cruz dos Navegantes. Esta destruição acontece pelos batimentos intensos de ondas, segundo palavras deles: *“A água das ondas do mar está queimando a vegetação do caminho e as pedras estão se soltando”*. O caminho está mais estreito, difícil e perigoso. Esse caminho é a única saída para que as crianças possam ir, por exemplo, nos dias de tempestade, de ressaca, ou de maré muito baixa, quando os barcos não atracam.

ANEXO 21.8-3. OFÍCIO ENTREGUE À DIRETORA DAS ESCOLAS DE MONTE CABRÃO E ILHA DIANA.

**Ofício entregue à Diretora das Escolas de Monte Cabrão e Ilha Diana**



São Paulo, 13 de julho de 2010

Rosemary de Oliveira Branco Francisco  
Diretora de Escola  
UME – Unidade Municipal de Educação Rural de Monte Cabrão  
Rodovia Cônego Domenico Rangoni, Km 33 – Monte Cabrão – Santos - SP

**Referência: autorização de uso de espaço nas Unidades Municipais de Educação Rurais de Monte Cabrão e Ilha Diana, para realização de oficina com lideranças destas comunidades – Diagnóstico Sócio-Ambiental Participativo.**

Senhora Diretora,

A FUNDESPA, instituição responsável pelo Monitoramento Ambiental da Dragagem do Porto de Santos, solicita de vossa senhoria a autorização para uso do espaço das Unidades Municipais Rurais de Monte Cabrão e Ilha Diana pela equipe do "Programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem", um dos 24 programas de monitoramento deste empreendimento.

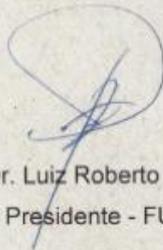
Este programa sócio ambiental (plano de trabalho anexo) inclui em seu escopo, a realização de oficinas em diferentes comunidades na região do estuário. Para isso, a sua equipe gostaria de poder contar com o espaço das Unidades Municipais acima citadas para realização de uma destas oficinas em cada uma destas comunidades, com o objetivo de informar as lideranças locais sobre a obra que se encontra em andamento e formular um Diagnóstico Sócio-ambiental, apontando necessidades e potencialidades, reunindo neste espaço, lideranças locais, para participação na construção deste documento, que irá apontar para realização de possíveis projetos de desenvolvimento local futuros.

Estão previstos o uso de materiais específicos, levados pela própria equipe do programa para realização destas oficinas, incluindo: data show para exposição sobre a obra de dragagem, materiais específicos para realização de dinâmicas de grupo e mapas.

Sendo assim, a equipe necessitará de uma sala, pelo período integral, ao longo de um dia em cada comunidade, que poderia ser oportunamente agendado, em final de semana, não comprometendo o período de aulas da escola.

Esperando contar com a compreensão e colaboração de Vossa Senhoria, colocamo-nos a disposição para quaisquer esclarecimentos necessários.

Atenciosamente,



Prof. Dr. Luiz Roberto Tommasi  
Diretor Presidente - FUNDESPA

Recebi em 16/04/2010  
*Rosemary O. B. Francisco*  
Rosemary Oliveira B. Francisco  
Diretora de Escola  
MEC 9512366

ANEXO 21.8-4. REGISTRO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM 26 E 28 DE AGOSTO DE 2010 EM MONTE CABRÃO.

## **Registro do conteúdo das entrevistas realizadas em 26 e 28 de agosto de 2010 em Monte Cabrão**

**Entrevistado:** Sr. Pereira, conhecido pelo apelido de Chapéu, é casado com Francineide Soares M. Pereira, Líder Comunitária, presidenta da associação de moradores. Segundo ele, no momento da entrevista, a esposa estava hospitalizada para dar a luz a mais um filho do casal. Declarou que trabalha na Ecovias e é caseiro da propriedade, situada entre a rodovia e a vila onde moram os catadores de caranguejo. Trabalha há mais de 10 anos para o proprietário, que nunca visita a propriedade. Explicou que a casa onde mora com sua família é do proprietário da área. Relatou que tem amizade com os catadores de caranguejo e que esses costumam sair às 6h30 da manhã para a pesca do caranguejo e retornam entre 16h30 e 17h00. Quando levam o produto pescado para uma peixaria em Vicente de Carvalho e restaurantes de Guarujá.

**Entrevistada:** Daiane Soares M. Pereira, 19 anos, filha do Caseiro Pereira e de Francineide Soares M. Pereira. A jovem está cursando o 2º ano do ensino médio e contou que quer ser advogada e que o pai pensa em arrumar emprego para ela na ECOVIAS. Em relação a viver em Monte Cabrão, disse que a melhor coisa é a tranquilidade e segurança, pois “não há violência”. Contou também que o que mais sente falta é de shopping e mercado, pois não há qualquer comércio por perto. Daiane cuida de Isadora, sua irmã, tem sete anos. No momento da entrevista, Isadora brincava com a amiga Juliana de dez anos enquanto aguardavam o horário da escola. Ambas estudam na Escola Municipal Rural de Monte Cabrão.

**Entrevistado:** Sr. Paulo Ribeiro, catador de caranguejo que mora num casebre sobre o mangue. O Sr. Paulo Ribeiro contou que trabalha na pesca de caranguejo há 26 anos e que há 12 veio do Rio de Janeiro para Monte Cabrão. Disse que tem dois filhos, um vive em Cananéia e o outro na rodovia Rio-Santos. Está cadastrado como pescador pela capatazia de Monte Cabrão – Colônia Z1. Disse ainda, que os caranguejos coletados são vendidos para a peixaria do Jorge em Vicente de Carvalho.

**Entrevistadas:** as jovens Giane e Fernanda, de família de pescadores de caranguejo, disseram gostar muito de viver ali pela tranquilidade. Porém sentem falta de água encanada, da energia elétrica e de melhorias no caminho de acesso.

**Entrevistado:** Flaviano Lima da Silva de 19 anos declarou ter vindo recentemente da Paraíba à procura de trabalho, pois tem familiares na localidade e já morou aqui há alguns anos atrás. Recém chegado, já conseguiu trabalho na Ecovias através da indicação de um amigo. Disse ainda que está cursando a sétima série do Ensino Fundamental.

**Entrevistada:** Sra. Ladi Maria Ribeiro, há 15 anos em Monte Cabrão, veio de Iguape. Seu marido comercializa os caranguejos que compra dos pescadores e vende para restaurantes e também para a peixaria do Jorge “na barca”, em Vicente de Carvalho. Disse que já trabalhou na pesca do marisco bico de ouro, mas há alguns anos vivem da venda de caranguejos, mas ainda trabalham com o marisco nos períodos de defeso do caranguejo. Disse: *“faz um ano que a água não vem. A água chega até um pedaço da rua e pára por ali”*. Já fizeram abaixo assinados, mas disseram que o problema é a falta do relógio marcador de consumo, porque ninguém paga a conta de água. Ela diz não entender isto, pois antigamente não pagavam pela água e a recebiam normalmente em suas moradias. Dona Ladi disse gostar a de morar em Monte Cabrão, pela tranquilidade e a segurança, segundo ela não tem assalto e pode ir e voltar sozinha. O maior problema é a falta de água, que tem prejudicado a renda da família, pois quando tinham água ela ganhava um pouco mais entregando caranguejo já limpo para alguns consumidores. Hoje quando aparece esta encomenda, ela não pode aceitar ou então tem ir fazer o serviço em Vicente de Carvalho, na peixaria do Jorge que é amigo da família e deixa que ela faça eventualmente esse serviço lá. Outro problema recente, relatado é que não há mais lixeira ou coleta, os moradores colocam o lixo em uma sacola e levam até a saída.

**Entrevistada:** Simone Mesquita de 32 anos; nasceu em Monte Cabrão. Sua mãe, Dona Lucília, é moradora do local há 50 anos. Seu marido trabalha na Wilson Sons. Conta que está lutando contra a prefeitura, pois querem retirar os

moradores que habitam na área de mangue para fazer uma marina. Disse que até saiu no jornal a planta da tal marina, mas que a prefeitura desmente dizendo que o motivo da desapropriação é por estarem em área de risco. Ela tem dois filhos e diz gostar de morar no local por ser sossegado e pela segurança: *“aqui, se alguém rouba já se sabe quem foi”* . Além da falta de água, diz que falta regularizar as coisas, fazer a regularização fundiária, pois uns dizem que a área em questão é particular, e outros dizem ser da Marinha.

**Entrevistado:** Alex da Cruz, nascido no Rio de Janeiro, diz que a atividade pesqueira não é e não pode ser contada como a única fonte de renda local, já que, em época de defeso do caranguejo, eles não podem utilizar esta atividade para se sustentar. Nestas épocas, buscam oportunidades como pintores ou pedreiros, garantindo o sustento da família até o fim do defeso. Alex diz que o projeto de fazenda ou viveiro de caranguejo seria um excelente investimento para a comunidade, já que poderiam contar com o animal o ano inteiro, mesmo em época de defeso, visto que seriam reproduzidos independentes do estoque natural do mangue.

**Entrevistado:** Ronaldo da Silva, outro pescador local, conta que a venda do caranguejo é sua única fonte de renda. Cita também que a comunidade tem a consciência de não poder coletar as fêmeas, pois além de serem indispensáveis para reprodução, poucas pessoas compram, já que são menores. Além disto, Ronaldo afirma que se o pescador for pego pelo IBAMA coletando fêmeas, toda a sua coleta é apreendida e ainda é aplicada uma multa ao pescador.

ANEXO 21.8-5. CONVITE PARA OFICINA REALIZADA EM MONTE CABRÃO.

## Convite para oficina realizada em Monte Cabrão

**CONVITE**



A CODESP tem o prazer de convidá-lo para o encontro da equipe do programa de Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem de Aprofundamento.

**Data:** 25 de setembro de 2010  
**Horário:** 10h às 16h (com 1h de almoço no próprio local)  
**Local:** Escola Municipal de Monte Cabrão

No encontro, será desenvolvida uma oficina de educação ambiental com o objetivo de identificar problemas e potencialidades em relação à realidade local. As oficinas também se constituirão em espaços para esclarecimentos sobre a obra de dragagem de aprofundamento do Porto de Santos e seus programas de monitoramento ambiental.

Contamos com a sua presença.

ANEXO 21.8-6. LISTA DE PRESENÇA DA OFICINA REALIZADA EM MONTE CABRÃO.

## Lista de presença da oficina realizada em Monte Cabão

### Monitoramento Ambiental da Dragagem de Aprofundamento do Porto de Santos

Lista de Presença - Oficina: Programa 21 – Conscientização Ambiental da População Envolvida na Obra de Dragagem

Comunidade:

Local:

Data:

Nome Completo	Profissão	Telefone	Endereço	Email
Ruthiane Quinti Vargas	Pedagoga	13-91561580 13-32366561	Av. Bartolomeu de Gusmão 97/122	ruisquintivargas@gmail.com
Wagner Roberto Augusto Maciel	-	13-94959298	R. Principal Monte Cabão n° 18	-
Cláudia Alves da Silva	Analista de Risco	13-97971469	R. Zeca Alvarez de Azevedo n° 532	claudia.alves@hctotal.com
Paulo Sérgio da Silva	Eng. Público	(13) 91188869	Av. Manoel Pina 453 AP. 12	sergio-590@brnoss.org.br
Valdecir Costa Soares	Func. Pública	(13) 97711069	R. Principal n° 95	valdecir@hctotal.com
Cláudia C. D. da Silva	For. de Limpa	30172352	R. Principal n° 218	-
Flora Silveira de Moraes	Motorista	96136499	Av. República Social 525	-
José Maurício de Moraes	A.P.	97951496	R. Andrade Soares n° 513	-
Maria Helena Lima Corrêa	Pousada		R. Principal n° 199	-
Janiffer Corrêa dos Santos	Pousada		R. Principal n° 199	-
Roberto Luiz B. dos Santos		30262133	R. Principal n° 01 - A	-
Paulo Marcos Teixeira	Coord. Pedagógico	81115081	UME Rural Monte Cabão	paulemteixeira@terra.com.br
Rosmary Oliveira B. Francisco	Desenho de Arq.	97825838	UME Rural Monte Cabão	marjose@terra.com.br
Carmem M <sup>te</sup> Lorenço V.S.	Supervisora de Ensino	32382868	R. Osvaldo Cochrane n° 234 ap. 12	SECARMEM@Santos.sp.gov.br
Paulo M. Ferrati				
ALVARO V. SILVA	Aposentado	32311068	R. Oxueto Cochrane n° 11/91	

ANEXO 21.8-7. LISTA DE PRESENÇA DA OFICINA REALIZADA EM ILHA DIANA.



ANEXO 21.8-8. TEXTO DE APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO TEMÁTICA  
“DRAGAGEM DE APROFUNDAMENTO NUM PORTO SUSTENTÁVEL”.

## **Texto de Apresentação da exposição temática “Dragagem de Aprofundamento num Porto Sustentável”**

### **Exposição “Dragagem de Aprofundamento num porto Sustentável”**

O Porto de Santos, assim como outros portos do mundo, precisou ao longo de sua história, adequar-se às exigências do comércio e à economia internacional. Esta evolução pode ser revelada pela modificação dos tipos de embarcações através dos tempos. Quanto mais modernas e especializadas ficam as embarcações, mais modernidade e especialização são exigidas das estruturas portuárias. Estas relações do porto com a economia mundial, assim como a sua conseqüente adequação às novas demandas, determinam também a dinâmica do Porto com a cidade ou região onde ele está situado.

No caso do Porto de Santos, a sua história e evolução estão intimamente ligadas à história e evolução da Cidade. Em cada fase do Porto é preciso retomar o diálogo e repactuar esta relação porto – cidade.

A ação pedagógica a ser desenvolvida com o apoio desta exposição tem por objetivo contribuir para a compreensão das adequações pelas quais passa o Porto de Santos com as obras da dragagem de aprofundamento de seu canal de acesso e com o seu gerenciamento ambiental. Os programas de monitoramento ambiental relacionados ao empreendimento, em muitos aspectos, buscam estabelecer um novo diálogo do Porto de Santos com as cidades da região.

ANEXO 21.8-9. ROTEIRO DA VISITA MONITORADA “DRAGAGEM DE APROFUNDAMENTO NUM PORTO SUSTENTÁVEL”.

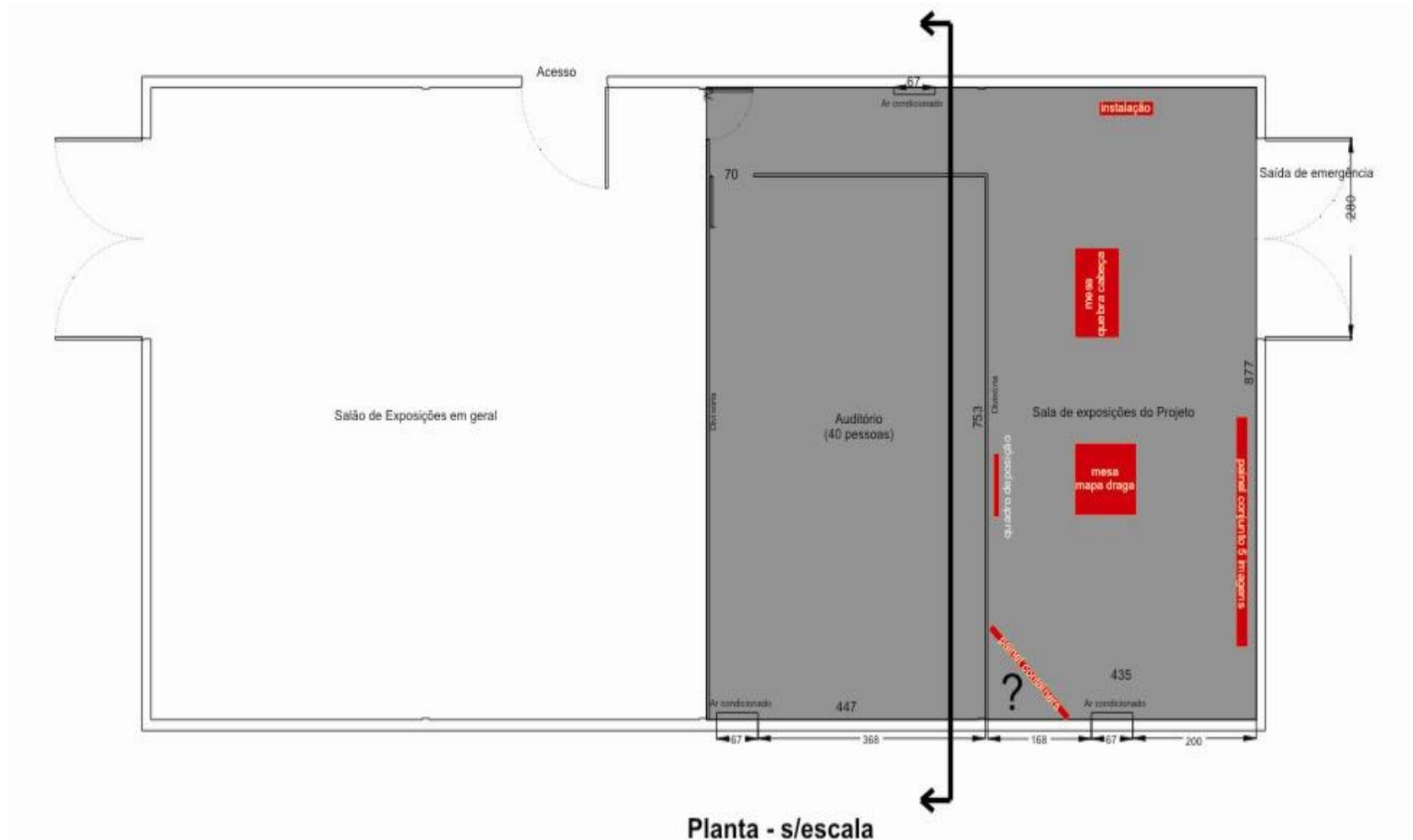
## **Roteiro da visita monitorada “Dragagem de Aprofundamento num Porto Sustentável”**

A visita será estruturada em quatro etapas ou momentos consecutivos:

- 1- No primeiro momento, os participantes serão recepcionados num auditório para esclarecimentos a cerca dos objetivos desta vivência e instruções quanto ao comportamento esperado. Ainda nesse momento preparatório o monitor responsável lançará ao grupo a pergunta: “O que é um Porto?”. Em seguida, ele organizará as manifestações dos participantes de modo à pontuar as respostas pertinentes. A seguir convidará os presentes para assistirem ao Vídeo da Codesp: “O que é um Porto?”
- 2- Após a apresentação do vídeo o grupo, acompanhado pelo monitor, passará para o segundo momento. Esta etapa consiste na visita ao museu, explorando as peças de seu acervo
- 3- O terceiro momento é a visita à exposição temática sobre a Dragagem de aprofundamento e os Programas de Monitoramento Ambiental, explorando os painéis e peças interativas, especialmente desenvolvidas para facilitar a abordagem da história do Porto de Santos e sua relação com a cidade. Estes materiais possibilitam a compreensão da necessidade de adequação do porto às exigências dos tempos atuais, para assegurar sua viabilidade econômica essencial para o desenvolvimento da região e do país
- 4- No quarto e último momento, será realizada a avaliação da experiência pedagógica vivenciada, com a manifestação oral e registros em desenhos e/ou textos pelos participantes

ANEXO 21.8-10. CROQUI DO ESPAÇO COM A LOCALIZAÇÃO DAS PEÇAS (EM VERMELHO) QUE COMPÕEM A EXPOSIÇÃO TEMÁTICA “DRAGAGEM DE APROFUNDAMENTO NUM PORTO SUSTENTÁVEL”.

**Croqui do espaço com a localização das peças (em vermelho) que compõem a exposição temática “Dragagem de Aprofundamento num Porto Sustentável”**



ANEXO 21.8-11. LISTA DE PRESENÇA DA VISITA MONITORADA TEMÁTICA  
REALIZADA NO ACQUA MUNDO (AQUÁRIO DE GUARUJÁ).

**Lista de presença da Visita Monitorada Temática realizada no Acqua Mundo  
(Aquário de Guarujá)**

NOME ESCOLA Col. Adventista / 2º ano  
 COORDENADOR Dijla  
 DATA VISITA 23/11/10 Atividade: O Porto de Santos (Acqua Mundo)

Danielly	-8
Julia	-7
Daltona	-8
Larissa	-7
Carlos	-7
Ednardo	8
Pedro Henrique Costa Rodriguez	-7
Rui Felipe	-8
Christellem Bia	-7
Lillem da Rocha Santos	-7
Marine Giovana da S.B.	-7
Vitor Puga Batista	-8
João Pedro Cardoso Xavier da Silva	-7
Leonardo	-7
Kauan	
Gabriel	
Pedro	
Momire	
<del>de</del> de <del>de</del> de	
Daniels	
Arthur	
Guilherme	
Samuel <small>anton</small>	
amary	
Maria Eduarda	

Bianca D. N